o castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho

EDIÇÕES
INESP

ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

o castiçal,
a escrivaninha,
a cadeira e
o rascunho

COLETIVO DELIRANTES
Organização

o castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho

INESP
Fortaleza – Ceará
2025

Copyright © 2025 by Inesp

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp
João Milton Cunha de Miranda
Coordenador Editorial
Rachel Garcia Bastos de Araújo
Valquiria Moreira Carlos
Assistentes Editoriais
Luzia Leda Batista Rolim
Assessora de Comunicação
José Gotardo de Paula Freire Filho
Diagramador e Adaptador do Projeto Gráfico Original
Luiz Ernandes dos Santos do Carmo
Coordenador de Impressão
Gráfica do Inesp
Impressão e Acabamento

Equipe Original
Deborah Meira
Capa
Talita Bastos
Diagramação
Denise Piva
Revisão

Expediente
Projeto Parlamento Jovem Alece
Unipace & DL
Sarah Pinto de Holanda e Carlos Martins
Coordenação Geral
Dauana Vale, Filipe Fernandes e Leila Pires
Comissão Pedagógica
Felipe Formiga, Joseana Soares e Taísa Lopes
Comissão Executiva
Marconyza Rodrigues
Comunicação

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

C351 O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho [livro eletrônico] / organização, Coletivo Delirantes. – Fortaleza: INESP, 2025.
137 p. ; 1.726 KB ; PDF

ISBN: 978-65-84902-67-1

1. Contos – Antologia. 2. Literatura – Brasil. I. Coletivo Delirantes. II. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado.

CDD 869.9

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.
Inesp – Rua Barbosa de Freitas, 2674, Anexo II, 5º andar,
Assembleia Legislativa do Estado do Ceará,
bairro: Dionísio Torres, Fortaleza - CE, CEP: 60.170-174.
Telefone: (85) 3277-3702. | E-mail: inesp@al.ce.gov.br
Site: https://www.al.ce.gov.br/paginas/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara-inesp

Palavra do Presidente da Alece

O castiçal, aqui mais chamado de candeeiro, dá fundamento ao lume, que, sobre a escrivaninha, projeta um facho de claridade. Na cadeira, um rosto jovem olha através do cone de luz que se deita sobre uma folha de papel. Há poucos anos de vida debruçados sobre a produção de rascunhos. Erra algumas letras, risca, rabisca, se distrai; impaciência, esforço, vontade de desistir; segue em frente, acerta e se invade por um fluxo de amor-próprio motivado pelo orgulho do resultado. O rascunho é a vida. O resultado é o conjunto de coisas boas que se fez ao longo dos anos, apesar dos percalços.

A antologia *O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho*, produzida pelo Coletivo Delirante, formado pelo talento de autores e autoras cearenses, reúne contos ambientados em diferentes períodos da história do Brasil, de 1822 a 2022. A obra contribui para nos entendermos enquanto povo, para que entendamos o tempo presente e olhemos para o tempo futuro.

Neste ano, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece) celebra 190 anos. É muito tempo que urge conhecermos. São quase dois séculos de evolução, que precisa ser contínua, regular, potente, inovadora e atraente.

O *e-book* em suas mãos é uma ferramenta para que a Escola Superior do Parlamento Cearense (Unipace) possa apoiar o seu desenvolvimento, por meio de um processo de letramento político. Entender a política é compreender como nós, homens e mulheres, nos organizamos em sociedade para dar soluções pacíficas aos nossos problemas coletivos.

Entender a política é entender nossos avanços e nossas omissões; é apostar em uma geração que faça mais do que minha geração fez. Ajudar alguém a ter "letramento", seja ele educacional, digital ou político, é um ato de respeito, de amor e de crença no futuro.

Aproveite.

Deputado Estadual Romeu Aldigueri
Presidente da Assembleia
Legislativa do Estado do Ceará

Palavra do Presidente da Unipace

No ano em que a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará - Alece celebra 190 anos, a Escola Superior do Parlamento Cearense – Unipace, entre suas atribuições, volta sua atenção à juventude do Ceará, buscando contribuir com o letramento político dessa parcela da população que se encontra em uma fase do desenvolvimento que envolve descobertas e também desafios socioemocionais.

Nas atividades de Educação Legislativa desenvolvidas pela Unipace, em parceria com as Escolas Legislativas dos municípios cearenses, temos observado o interesse de jovens por maior conhecimento sobre política, na sua essência, e por isso sugerimos a implantação do projeto ***Parlamento Jovem Alece***. A partir de metodologia e instrumentos que encantam o público jovem, nossa proposta envolve a literatura e a arte, ofertando um caráter lúdico ao trabalho de educação legislativa e colaborando com o letramento político desses sujeitos sociais.

As atividades partirão do livro *"o castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho"*, composto por ficções cur-

tas que transitam entre fatos históricos que marcam os duzentos anos da Independência do Brasil. A autoria do livro é do premiado Coletivo Delirantes, grupo de autores e autoras cearenses.

A Unipace segue confiando nos estudos sobre democracia e cidadania, importantes para a formação cidadã dos sujeitos. Com o projeto ***Parlamento Jovem Alece*** é possível aproximar a juventude cearense de temas imprescindíveis à construção do pensamento crítico, que por vez é o alicerce de uma sociedade democrática.

Deputado Estadual Simão Pedro Alves Pequeno
Presidente Unipace

Palavra do Diretor Executivo do Inesp

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o Edições Inesp e o Edições Inesp Digital, que têm como objetivos editar livros, coletâneas de legislação e periódicos especializados. O Edições Inesp Digital obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de design gráfico.

O Edições Inesp Digital já se consolidou. A demanda por suas publicações alcançou uma marca de 5 milhões de downloads. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O Castiçal, a Escrivaninha, a Cadeira e o Rascunho é mais uma obra do diversificado catálogo de publicações do Edições Inesp Digital, que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo do Inesp

Sumário

Introdução 15
O grito 17
Fogueira na Lua Nova 23
Uma bomba-relógio 31
Ideias são fogo 37
As cinco cartas de Ana 45
Resistência 55
Nascido em Monte Castello 61
Carta para a pantera dos olhos dormentes 69
O vestido 77
A bandeirinha e a espingarda 83
O Barão 89
A mãe retorna 95
Pus, canhões e saudade 103
Morro alto de dar dó 109
Do fogão e das cinzas 121
O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho 127
Sobre os autores 135

Introdução

Esta é uma antologia com dezesseis contos que se passam em épocas distintas do Brasil, desde 1822. As narrativas têm personagens ficcionais que se misturam a pessoas e eventos importantes em nossa jornada como país livre.

Os contos são independentes entre si, mas não isolados. Queríamos um elo entre as histórias que se passariam em tempos e lugares diferentes. Optamos por quatro objetos que fariam a trajetória desses duzentos anos de Independência. Eles estiveram juntos num mesmo lugar, depois se dispersaram e no ano do bicentenário podem ser encontrados em um antiquário. Assim nasceu *O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho*.

Os objetos foram definidos e detalhados em conjunto para que mantivessem as mesmas características ao serem referenciados pelos contistas. O rascunho do manifesto (disponível no Apêndice) é um texto fictício criado pelo grupo de escritores, baseado no documento redigido por Joaquim Gonçalves Ledo, no qual Dom Pedro I oficializa a separação entre Brasil e Portugal.

Os contos atravessam duzentos anos, em ordem cronológica reversa, de 2022 a 1822, num mergulho criativo que se inicia em uma distopia num futuro próximo e perpassa fatos marcantes da História até os momentos que antecedem nossa Independência.

Coletivo Delirantes

O grito

Stênio Gardel

Um grito, um grito horrendo, forjado na dor. Era o grito de um homem, mas ressoou trovejante como o grito de mil homens, dos homens de uma terra inteira, que clamam por um novo dia. Talvez fosse mesmo o grito dessa terra, porque a terra estremeceu, as paredes do antiquário estremeceram, a poeira foi sacudida de cima das caixas que embalavam os móveis e dos móveis que ainda estavam fora das caixas. A casa se encheu dos grãos da terra e do grito do homem que o fez despertar. O castiçal palmatória ao lado da cama, o castiçal, também ele, precisava ser encaixotado. Teria que se desfazer de toda aquela velharia que só servia para juntar poeira e dar trabalho, que consumia tempo e dinheiro e comia os dias dele como traças. A velharia não estava entregue às traças, porque ele não deixava. Havia força na madeira dos móveis, as páginas dos livros resistiriam a muitas leituras, a prata do castiçal poderia brilhar ainda.

Ele seria o último a ser guardado, a última luz de toda aquela história a se apagar. Seu passado ficaria no escuro, como era

escuro dentro das caixas fechadas, como estava escuro dentro da casa fechada, mas a casa nunca se quis caixa. As portas estavam sempre abertas aos visitantes ou compradores, e Aurora recebia a todos com os braços abertos também, e café ou chá ou licor, especialmente licor, quando uma família saía do antiquário com uma das peças. Um gole aconchegante para despedidas que engasgavam a goela. Não eram pessoas, mas todos os itens tinham sido de pessoas algum dia, e quando eles saíam, elas saíam, para conviver com outras famílias. Essas famílias ficaram cada vez mais raras, e o licor aqueceu somente a eles dois por muito tempo, depois somente a ele, mas ele continuou a cuidar do antiquário, talvez com mais esmero, porque cada peça passou a ter também a história deles. Cada peça havia sido tocada por Aurora, e era desse toque e de todos os outros antes dele de onde vinha a importância que aqueles objetos tinham, e de todas as vidas que foram tocadas em troca, por uma mesa de jantar que alimentou filhos, netos e bisnetos, por uma cadeira que acomodou uma mãe de família fazendo as contas do mês ou um poeta na lida com as palavras ou um jovem estudante de medicina lendo seus primeiros textos sobre o corpo humano para depois curar doenças. E o castiçal? Todas as sombras de amantes nos quartos que iluminou, todos as noites mal dormidas em que foi a única companhia. Quantos documentos não foram escritos sob a luz que brotava dele a cada vela que derretia em raízes de cera. O castiçal, de prato como uma flor de prata, estava cheio de raízes. Como tudo ali, enraizado em vidas de cem, duzentos anos atrás. Mas as raízes não cabiam nas caixas. Arrancar todas de uma vez. Como ele vai ficar? Como vai ficar o que floresceu delas? Isso já vinha sendo arrancado há anos, e a terra, ferida, grita.

Ele se levantou, para descobrir de onde vinha o grito. A luz do castiçal criava núcleos de luz nos cômodos e corredores

penumbrosos. Caixas e etiquetas nas caixas, túmulos e lápides. O lustre que abriu as cortinas do teatro municipal jazia ali. O relógio de coluna inglês, que sobreviveu a bombardeios da Segunda Guerra, agora soterrado por outros destroços. Destroços que não se podia ver, que não se podia tocar, os mais pesados, os mais esmagadores, que esmagam a memória, estreitam a visão pouco a pouco, até uma réstia de luz. O mundo não cabia numa réstia. Uma réstia de lua dentre as cortinas da janela perfurava a caixa com a escrivaninha estilo Dom José. Ao lado, a caixa com a cadeira, também de estilo Dom José. Os itens mais antigos, os mais bem cuidados, lustrosos, não estavam à venda, eram os pilares da casa, prontos para serem esquecidos, mas que não esqueciam jamais.

Os pacotes quase o fizeram esquecer do grito, mas não. Chegava ao corredor da porta da frente. Teria que remover dois embrulhos, um mais pesado, uma máquina da primeira redação do jornal *O combate*, ainda boa para escrever. Outro maior, uma namoradeira rococó, ainda boa para namorar. Encontro fortuito, nunca pensara em juntar as duas antes. Uma boa ideia, a namoradeira para inspirar histórias de amor. Mas a máquina, a namoradeira e todas as possibilidades de histórias ficariam confinadas num depósito da prefeitura. Nem sons de letras marcando o papel, nem conversas de namorados, tudo silenciado até o destino final. Fogo, muito provavelmente fogo. Uma fogueira enfurecida a se alimentar dos pequenos gritos da madeira queimando, até um novo e definitivo silêncio, sedimentado nas cinzas. Nem objetos, nem ecos, nem palavras. Ele recusou, recusou, ele aceitou, rendido aos ventos que sopravam a história para longe.

O vento da noite assusta a chama da vela, ele a protege com a outra mão. O grito veio da praça. Postes e luminárias apagadas, à espera da luz que ainda não acendeu o horizonte. Um movimento desnatural no chão, perto do mastro da bandeira, chama atenção,

como a praça vazia. Ninguém mais ouviu o grito? Ou ouviram e decidiram permanecer em suas camas, cobrindo os ouvidos com o travesseiro e fechando os olhos para aguardar o sono indiferente. Ele quis fechar os olhos e adormecer e acordar do pesadelo que via. Um homem nu, de joelhos, as costas para o mastro, preso por uma grossa chapa de metal, moldada a calar, mas que não calou o grito, sua voz não se moldou ao metal. Uma outra coleira, de sangue, filha da primeira, se ramificava em finas tiras vermelhas, como as cortadas por primitivos flagelos. Os pulsos dentro de grilhões colados um ao outro. Ele tentava alcançar a nuca, mas a prisão lhe encurtava o alcance dos braços, o alcance da consciência, a paciência do fôlego. Cansado, o homem parou e o encarou.

Era 2022, e acorrentaram um homem no meio da praça. Esqueceram quantos foram acorrentados, esqueceram as correntes que ligaram muitos dos anos, elos sombrios. Homens e mulheres arrancados da sua terra e forçados a nascer de novo pela posse e caminhar numa terra estranha, que também fora tomada de outros. Tomar da terra homens, tomar a terra de homens, tomar o corpo, tomar o trabalho e enfiar tudo num saco de moedas, hoje, numa conta do banco. E hoje tiraram de suas memórias mal alimentadas a fome de tirar aquele homem de casa e colocar em seus ombros quase duzentos anos de História, chama apagada por ventos sem origem e sem destino, e, no escuro, o presente pisava nessas poças do passado. Futuro enlameado. O homem olha para o chão.

— Era meu último dia na universidade, uma multidão estava do lado de fora, à minha espera, eu acho, gritos, insultos, adorações por verem meus dois pés na calçada, varrido como fui para fora das salas de aula, me empurravam, meus livros caíram e foram chutados, tentei pegá-los de volta, mas eu caí e fui chutado, e acordei aqui.

Serra para os cadeados, calça e camisa para o homem.

O homem se ergueu ao tempo do sol, e quando ele pode ver seu rosto, cravejado de suor e lágrimas, ele se assustou. Tocou o próprio rosto para sentir suas marcas. A barba, olhou para o torso e pode ver os fios brancos, e viu nas mãos a pele fina e vincada, como um tecido amassado numa mão fechada, uma mão firme, a mão do tempo. E seu corpo lhe mostrava o que o corpo do homem negava, porque aquele homem, com não mais que trinta anos, fora seu professor de História.

— Como posso ter sido seu professor quando o senhor tinha vinte anos?

— Como pode ter sido acorrentado daquele jeito?

Que gritos seriam ouvidos amanhã? De uma mulher? De um transexual? De um estrangeiro? Os gritos de quem a voz era pedra que não se deixa arrastar, de quem a voz era unha e dente.

Era tempo de rasgar, morder e rasgar, com raiva, com garras e presas, as caixas, todas as caixas, reduzi-las ao piso sob os pés deles, e pisar sobre elas, pisar sobre aquele futuro de papelão e erguer um futuro com as fibras bravas do jacarandá, que sustentaram a cadeira e a escrivaninha por mais de duzentos anos, era tempo de um futuro com os mesmos pés firmes, que sabem onde andaram e aprendem caminhos com as próprias pegadas.

Licor, iriam se aquecer com licor, celebrar não uma despedida, mas a permanência. O professor sentou-se na cadeira, o espaldar vazado não mais vazio. Os braços apoiados no tampo da escrivaninha. Desafiado pelo sorriso de bronze dos puxadores, abriu a gaveta da esquerda. Um livro dentro, um papel dentro do livro. Aproximou o castiçal por trás da folha amarela e transparente. As sombras das letras projetadas no rosto e no pescoço marcados. Marcas e riscos ao longo do texto, notas curtas, escritas às pressas nas margens, frases inacabadas. Nas primeiras linhas, o professor leu:

— Rio de Janeiro, 30 de julho de 1822, Manifesto da Independência do Brasil, Aos Povos deste Reino.

Fogueira na Lua Nova

Cupertino Freitas

Desterrado por opção, foi embora do Brasil em fins da década de noventa atraído por um emprego que lhe pagaria um excelente salário, algo que estava em falta por aqui. Em terra alheia deslumbrou-se com as facilidades típicas do mundo desenvolvido, fez poupança, amizades e viagens. Em menos de um ano morando no exterior, porém, a novidade envelheceu e bateu o banzo. Dinheiro não era tudo nessa vida, concluiu, queria mesmo era retornar para seu canto e seu povo, no velho e bom Piauí. Só lhe faltava a coragem.

Fazer o caminho de volta, do lugar tranquilo e de abundância onde estava para o de incertezas e carências de onde tinha escapado por livre e espontânea vontade, não lhe parecia uma atitude muito prudente e racional. O fato é que Tomé ficou paralisado e, mesmo se sentindo incompleto e intranquilo com o autoexílio, foi empurrando com a barriga, adiando a hora de voltar para casa.

Em meados de 2004, notícias alvissareiras que começaram a lhe chegar pelos portais, sites de jornais, conversas telefônicas,

chats e e-mails o incentivaram a quebrar a inércia. Começou a pensar seriamente em largar tudo e recomeçar sua vida no Brasil.

Numa madrugada de ventania, teve um sonho aflitivo: segurando um castiçal, andava por um corredor que parecia não ter fim, quando o suporte onde repousava o polegar esquentou sob seu dedo e ele, num impulso, deixou o castiçal cair com a vela acesa. A chama atingiu a ponta de uma cortina e o lugar começou a pegar fogo. Ele resolveu pular da janela, mas ficou aterrorizado com a altura. Uma anciã vestida em farrapos apareceu lá embaixo e disse para ele não ter medo, saltar era sua única esperança. Ele subiu na janela e se jogou. Acordou no chão do quarto. Estava decidido: de manhã iria comprar a passagem!

Precisava de mais algumas semanas para resolver questões burocráticas, vender carro e móveis. Marcou a viagem para seis de setembro, teria tempo suficiente para se desfazer de todos os laços e obrigações que o prendiam ali.

O voo foi interminável. Tomé estava com a cabeça a mil. Pensava se havia esquecido de trazer algo importante, se tinha fechado a mala direito, se iriam lhe parar na alfândega. Olhava para os passageiros e se perguntava sobre suas histórias. E se questionava sobre a sua própria: o desafio da partida, o malogro da tentativa de ser feliz longe e o momento duvidoso do regresso. Olhava para frente e para trás, para a vida que tinha ficado e para a que se aproximava. Atravessava o oceano em direção ao seu país e resgatava um pouco de si a cada turbulência. Depois do terceiro copo de vinho tinto, caiu no sono.

O avião aterrissou em São Paulo às seis da manhã de 7 de setembro de 2004 ao som de "Debaixo dos caracóis dos seus cabelos" e ele teve orgulho de ser brasileiro. Não sabia como iria ser a vida dali em diante, mas de uma coisa tinha certeza: gostava imensamente de seu país, com todas as mazelas e defeitos e todas

as coisas meio fora de lugar. E estava feliz de pisar neste solo nem sempre gentil no dia da Independência.

Bastou andar por alguns minutos no caótico aeroporto de Guarulhos para que chegasse à conclusão que tinha mais gente viajando de avião do que nunca. Depois de anos fora, testemunhava com seus próprios olhos os tempos pujantes por que o Brasil passava. Seguiria viagem para Teresina naquela tarde.

Estava ainda meio cético em relação ao que diziam seus parentes ao telefone, que o país estava bombando – era de sua natureza ser assim. Mas não havia como negar: havia alguma coisa diferente no ar. As pessoas pareciam mais otimistas e animadas. E mais ocupadas também. Sorrisos claros e impecáveis misturados a outros amarelados e imperfeitos denunciavam que voltava para um lugar que, embora ainda muito, muito desigual, estava melhor do que o que havia deixado cinco anos antes.

Teresina continuava linda – e muito quente –, isso não havia mudado. Nada que uma gelada num bar à beira do Parnaíba não resolvesse. Amigos revistos, irmão mais velho e mais novo visitados, calção fedendo a naftalina retirado do fundo da gaveta, e ele estava pronto para se refestelar com um prato de Maria Isabel e picadinho de carne fresca com maxixe e jerimum na casa da avó.

Depois de abraços, afagos e da comida de que tanto gostava, era hora de tirar um cochilo.

— Eu tava com vontade de ir na minha terra — disse Dona Faustina, enquanto armava uma rede para o neto.

Dona Faustina era de São Raimundo Nonato, quase 600 quilômetros ao sul de Teresina. Tomé só tinha estado lá uma vez, ainda criança.

— Voltar para o lugar de onde a gente veio é muito bom — ele disse.

— Pois é. Quero ver meu irmão. E quero ver tia Amelinha. Ando sonhando com ela, deve tá perto de partir. Cê me leva?

Como dizer não a uma avó que foi sempre tão carinhosa e prestativa e que o mimou desde criança?

— Eu levo a senhora, vó.

Alguns dias depois os dois embarcaram para os sertões profundos do Piauí numa caminhonete de luxo alugada. A viagem até São Raimundo Nonato foi longa e cansativa, mas Dona Faustina, do alto de seus oitenta anos, aguentou firme. Hospedaram-se na casa de Alexandrino, o irmão mais velho dela, um lugar cheio de corredores e escadas que davam para puxadinhos e edículas onde moravam suas seis filhas comerciantes, casadas com homens que viviam à sombra do sogro.

— Você é o que tava pra banda da América? — perguntou Alexandrino a Tomé, assim que o viu.

— Eu mesmo, tio.

— E esse Bush? Será que vai invadir o Brasil?

— Acho que não. Ele tá mais preocupado em pegar o Saddam lá no Iraque.

— É bom mesmo. Senão Lula dá uma rasteira nele e ele cai estatelado com os beiços no chão!

Dona Faustina balançou a cabeça em ligeiro tom de reprovação, mas Tomé caiu na gargalhada com o comentário absurdo. Depois de um dia de tensão em estradas esburacadas, qualquer tolice era bem-vinda.

Alexandrino era uma versão moderna de chefe de clã sertanejo, bem bonachão, com opinião sobre tudo. Dizia entender mais de reforma que engenheiro, conhecer mais de doença de menino que pediatra, e saber mais dos problemas do povo que político. E disse que nunca tinha sido candidato a nada porque não tinha papas na língua e ninguém botava cabresto nele. Ajudou a eleger prefeito e deputado pela ARENA e pelo PDS, e fez campanha contra Lula três vezes. Mas em 2002 virou a casaca e votou no "sapo

barbudo". Se os ricos não tinham feito nada pela pobreza, quem sabe um de origem humilde tivesse coragem de fazer? Foi o único voto de que não se arrependeu na vida, disse ele.

O resto da noite Alexandrino ficou falando bem do presidente. Só parou de falar quando viu Tomé roncando na cadeira.

— Esse aí parece que não gosta muito de Lula — concluiu desapontado.

No outro dia, depois do almoço farto na companhia de filhas, genros e netos de Alexandrino, Tomé e Dona Faustina seguiram para a Lua Nova, o lugarejo onde morava tia Amelinha. Mais uns quarenta minutos em estradinha de terra quase intransitável e finalmente chegaram à vila perdida no meio do nada onde sobreviviam cento e vinte e quatro vidas severinas. Passava das duas da tarde. Estavam todos recolhidos em suas casas, fugindo do sol infernal, e não viram quando o veículo imponente parou em frente à casa da idosa.

Tia Amelinha era uma benzedeira bem velhinha, bem velhinha mesmo, mas ainda era mais nova que Rosário, sua vizinha e antiga rival de ofício e de tudo – as idades elas não revelavam, diziam já terem perdido as contas dos anos vividos. As duas disputavam desde a infância tudo que, naquele rincão, pudesse ser objeto de contenda e competição: bonecas, receitas de bolo de fubá e rubacão, amigas, namorados, doentes para benzer. Se houvesse qualquer coisa que pudesse ter dois lados, cada uma tomava um canto para si e estava estabelecido o embate. Até quando estavam do mesmo lado, como quando na última campanha presidencial, arranjavam algum jeito de competir:

— Cê lá arranjou mais voto que eu, história é essa? — desafiou tia Amelinha.

— Uma véia dessa que não se sustenta mais em pé arranjou voto onde?

Eram rivais, mas não inimigas. Na verdade, as costumeiras quezílias e entreveros movimentavam um pouco a vida modorrenta e árida do lugar – e serviam para manter as senhorinhas vivas. Quando as visitas chegaram de surpresa, Rosário estava na casa de Amelinha, numa reunião para decidir qual das duas ia ter o direito a encerrar a novena de Nossa Senhora das Dores naquele ano. Alternavam-se na prerrogativa. Tia Amelinha dizia que aquele ano era dela, ao que Rosário retrucava que a amiga estava caducando. A verdade era quem nem uma, nem outra lembrava mais quem tinha encerrado a novena no ano anterior.

Espantado com a longevidade e vivacidade das duas, Tomé se questionava como tinham conseguido viver tantos anos num lugar como aquele. Não havia água encanada na Lua Nova, a água salobra e acinzentada vinha – dependendo da época do ano – de um açude ou de um barreiro; a iluminação das casas de terra batida era feita por lamparinas; cortava-se lenha para cozinhar; doenças e quebrantos eram curados com as beberagens e chás das duas benzedeiras. Havia uma escola que funcionava de forma muito incipiente com uma professora só dando aula da alfabetização ao terceiro ano. Era 2004. 2004!

Lua Nova era carente de conforto e de tudo, exceto de gente acolhedora. Tia Amelinha e Rosário não aceitaram de jeito nenhum que as visitas voltassem para a sede do município naquela noite. Tinham que pernoitar na Lua Nova.

Rosário falou que o bisneto tinha comprado uma viola com o dinheiro que recebiam do governo e que iam fazer uma cantoria à noite. Tomé, sempre rápido em julgar e tirar conclusões precipitadas, mordeu a língua para não falar besteira sobre a aquisição do rapaz. Mas Rosário percebeu:

— A gente recebe esse dinheirim para interá o dicumê, mas a gente não vive só pra encher o bucho, né?

A noite estrelada do lugarejo, esquentada por uma fogueira e embalada pela voz afinada do bisneto de Rosário cantando e tocando "Fogão de Lenha", de Chitãozinho e Xororó, deixou Tomé emocionado. Em meio a goles de pinga, ele falou para o adolescente que tinha voltado a morar no Brasil há poucos dias, e que esperava que um dia a Lua Nova pudesse oferecer melhores condições para os seus habitantes. O rapaz disse estar confiante, e agora que tinha um dinheiro certo todo mês, estava cheio de fé no futuro. Rosário sorriu e deu um beijo no rosto do bisneto.

— Esse aqui tanto canta como faz conta bem. Vai estudar pra ser doutor, que pobre agora tem direito de estudar!

Do outro lado da fogueira, Dona Faustina pegou na mão de tia Amelinha e lhe fez um afago. Tia Amelinha retribuiu com um olhar bom. Tomé ficou a admirar aqueles rostos felizes e plenos de serenidade iluminados pelo clarão da fogueira. E sentiu paz e completude no lugar mais cheio de incertezas e carências em que tinha pisado na vida.

Terminada a cantoria, era hora de se recolher. Antes que a fogueira apagasse, tia Amelinha acendeu uma vela e a colocou com firmeza na arandela de um castiçal do tipo palmatória. Era um castiçal de prata, parecia uma relíquia. Tomé ficou olhando para o objeto em completo desconserto. Tia Amelinha olhou para ele e sorriu enigmática.

Uma bomba-relógio

Clarisse Ilgenfritz

Então, eu queria falar da minha Alice pra vocês, será se dá certo?

Era uma figura, a minha menina. Afrontosa, espevitada. Eu achava o máximo. Eu era – acho que sou ainda – a própria avó coruja. Queria falar um pouco dela porque vi ainda agora na Internet uma foto dos estudantes caras-pintadas. Não sei por que isso apareceu nos noticiários, mas vi agorinha em um desses portais de notícias. São essas coisas da vida: ver esta imagem no meio das confusões em que estamos vivendo, desta política maluca de hoje, e me lembrar logo de 1992. Ô, ano.

O presidente era o Collor. Quem não se recorda dele andando de *jet ski* nos noticiários e se arvorando todo contra os marajás e não sei o quê mais lá? Se eu, com meus oitenta anos fechados, me lembro, e bem direitinho? E depois foi aquela confusão toda, as denúncias, irmão entregando irmão, uma coisa! E os meninos, os caras-pintadas, na rua todo dia, marcando firme. Eu lembro bem porque eu gostei de ver. E achei melhor ainda porque deu resultado, pelo que entendi e me recordo, ele renunciou antes de ser cassado.

Pessoal fala que a minha memória é ótima, não sei porque tanta balbúrdia, mania desse povo achar que a pessoa só porque envelhece tem que ficar caduca. Eu tenho a cabeça muito boa e lembro muitíssimo bem do que preciso lembrar. E se tem uma coisa que eu não esqueço nunca é que a única outra opção para a pessoa não envelhecer é estar a sete palmos do chão. Pois que me deixem em paz com as minhas recordações e com o tanto de vida que ainda tenho.

Daquele ano de 1992, lembro como se fosse hoje. Eu tinha cinquenta e quatro anos, minha filha Rejane havia se mudado faziam poucos meses para o Uruguai, Alice não quis ir com a mãe, foi uma esculhambação aqui mesmo, neste quarto. Elas brigaram, Alice bateu pé e ficou aqui comigo. E, veja bem, eu estava recém separada. Na mesma semana que o Príncipe Charles e a Lady Diana oficializaram a separação deles, eu assinei o meu divórcio. Eram eles lá, o casal real na Inglaterra, e nós dois cá, o Niltinho e eu, dois remediados, no Rio de Janeiro. Não foi nada fácil, mas hoje eu acho é graça.

Então, nessa época aí eu estava recomeçando minha vida, mesmo que tardiamente, retomando meu cargo na escola onde havia lecionado há anos, o coração ainda entristecido com o luto da separação; era lógico que eu tinha pouca disposição para assuntos de política. Acontece que o meu coração e o pouco que eu me informava me colocavam do lado da meninada de cara pintada, mas sem a menor dúvida! E era lógico que eu apoiava, indo e voltando, ora, se o que eles queriam era botar aquele descompensado para correr do planalto? Eu concordava demais.

A Alice vivia para cima e para baixo com o pessoal desse movimento. Meu Deus. Parece que eu estou vendo, lembrando agora. O desejo, o entusiasmo. Ela tinha só dezesseis anos e já desafiava a tudo e a todos, sempre no meio do mundo, daquele jeito dela.

Era tão gaiata essa minha neta. Quando a gente assistia aquela minissérie que fez sucesso, As Noivas de Copacabana, e o Falabella fazia o vilão, um *serial killer*, ela imitava o jeito dele falar aquelas vilanias cafonas. Eu dava risada. Quem me conhece, sabe que aquele programa bobo é o máximo de tensão e assassinato que eu aguento ver. Eu sempre fui muito frouxa, o Niltinho até debochava do meu jeito, implicava. Prefiro comédia romântica, musicais, toda vida. A Alice não, Alice gostava de filme forte, de ação, até daqueles filmes de terror ela gostava. Ela não tinha o mínimo medo de suspense, nem se contraía se visse cena de violência – já eu não consigo nem ver essas coisas, fico logo toda me doendo. Deus me livre. Minha neta sempre foi muito mais valente do que eu.

Aquele ano de 92, minha nossa, foi de não esquecer nunca. Acho que até a Alice, aí, do jeito dela, tem suas lembranças. Eu lembro direitinho; era agosto, eu até ajudei a pintar o rosto dela quando ela se preparava para mais uma manifestação. Pintei verde de um lado e amarelo de outro no rostinho tão bem equilibrado da minha menina. Ela mesma depois aplicou riscos fortes em preto, marcando traços como uma espécie de Picasso na sua pele tão alvinha, tão cheia de espinhas. Minha menina!

Era ela saindo para a manifestação e eu dando mil recomendações. Preocupada, lógico, apesar de que aqueles eram outros tempos, pois hoje está muito pior. Fosse hoje eu inventava um jeito de nem deixá-la ir, vejo estes rapazes fascistas pra cima e pra baixo, querendo briga direto, a polícia completamente fora de controle, vejo isso nas ruas e nos noticiários. Fosse hoje eu não deixava minha neta ir. Mas, do que adianta dizer isso agora? Eu acho que falo demais, mesmo – demais até para os meus pensamentos, que não costumam parar ou me dar trégua.

Talvez por isso, por conhecer a valentia dela, eu nem me

surpreendi tanto quando soube que a Alice partiu pra cima daquele policial de choque. Ela era, mesmo, uma bomba-relógio, a minha menina. Vivia me deixando em sobressalto. Mas como que eu ia imaginar que ela podia ser tão sem limites? Juventude, em todos os tempos, parece ser sempre uma coisa de pavio curto – ah, se eles soubessem o tanto de fogo que a gente ainda precisa queimar na vida.

Aliás, em 92 eu gastei foi muita pólvora para segurar a vida em pé. Principalmente depois do que aconteceu com Alice.

Ela era muito feliz, muito festiva. Adorava música, e lembro bem deste ano aí que estamos falando. Cada coisinha. Os vizinhos perturbando com Leandro e Leonardo aos berros no rádio, e aqui em casa era a Alice e os colegas ouvindo as novidades musicais que chegavam da Bahia, a todo volume. Eu já não aguentava mais a Daniela Mercury, era uma coisa sem fim, aquele "o canto dessa cidade sou eeeu" até furar o disco! Mas que coisa mais chata, peguei um abuso tão grande que até hoje não posso ouvir essa criatura. Acho que nem se Alice acordasse agora e me pedisse eu não deixaria essa baiana perturbar o meu juízo novamente.

Vocês acham graça, né?

Mas não teve graça nenhuma eu segurar aquela barra praticamente sozinha; a Rejane estava no Uruguai, o meu mais novo nunca teve tempo pra nada, do pai da Alice a gente não tinha notícia fazia tempos, e o Niltinho, bom, vocês já devem conhecer o Niltinho de tanto eu falar dele, sabem que ele nunca foi muito bom em encarar os problemas.

Pois percebi que as prioridades mudaram totalmente, os gastos com médicos e hospital rasparam as minhas economias e eu ainda precisei me desfazer das poucas coisas de valor que tinha. Tive até foi sorte de conseguir vender alguns móveis antigos, de família, junto a umas gravuras e outras velharias para essa amiga

em Petrópolis – aquela, fizemos a escola normal juntas, do nome dela eu não estou lembrando agora. Pois está aí, puseram olho gordo na minha boa memória.

Então, a cristaleira deu um dinheiro bom, mesmo com o espelhinho do fundo já escurecido. Só fiquei chateada por ter que vender a cadeira de jacarandá que era do meu avozinho, ele tinha um orgulho patriótico por ela, por ela haver pertencido ao verdadeiro herói da Independência, Gonçalves Ledo, e eu achava isso lindo. Pois é, ele vivia contando pra todos que chegavam no escritório dele, todo orgulhoso, mostrando a cadeira histórica. E eu cuidava dela com muito carinho e respeito, dela e das outras antiguidades que eu tinha e nem sabia que poderiam ter algum valor. Enfim, eram tudo coisas das quais me desapeguei e hoje não carrego nenhum arrependimento, apenas saudades.

Ah, as saudades. E essas coisas que voltam com o tempo e fazem a gente querer falar delas, para reavivar o sentir, o pensar, o penar.

Pensando bem, se Alice despertasse deste sono em que se encontra desde aquele tiro que ela levou em 92, pensando bem com carinho, acho até que colocaria a tal baiana a cantarolar na vitrola. Porque a vitrolinha da Alice eu não vendi. Nem os discos dela.

Ideias são fogo

Dauana Vale

Arcoverde, 16 de fevereiro de 1984, poucos meses depois do almoço de casamento de Manuela e Luís, proprietários da única livraria da região. Naquela manhã se preparavam para uma viagem relâmpago a Recife.

— Apenas uma mochila, querida! — falou Luís preparando a *nécessaire* —, é o suficiente.

— É sim.

— Passagens, documentos de identidade, comprovante de endereço, agenda telefônica... algo mais para o quesito burocracias?

— Dinheiro — falou sorrindo — ou então nem saímos de Arcoverde.

— Tá engraçadinha — beijou-a no ombro e acariciou sua cintura — tudo bem ir assim mesmo?

— Só estou grávida, nem enjoos tive até agora.

— E eu apostei que você seria a gestante mais abusada do mundo — falou se esquivando.

— O quê? — buscou-o para tomar satisfações.

Alguém à porta da sala. Bateu palmas. Luís verificou quem era pela veneziana e abriu a porta. Era sua mãe, dona Lucinha, alvoroçada que só ela, entrou casa a dentro falando pelos cotovelos.

— Meus filhos, por tudo o que é de mais sagrado, não cometam essa loucura! — gritou. — Vocês precisam acabar com essas reuniões.

Luís tentou acalmá-la. Manuela lhe ofereceu copo de água. Mas nada adiantou. A senhora chegou a chorar, falou sobre o medo de que acontecesse algo com o bebê, que a criança seria sua primeira neta, tinha certeza que seria uma menina, que já havia encomendado uma pulseira de ouro, que quando chegasse mandaria gravar o nome, mas, se fosse um menino o certo seria colocar Luís Neto na certidão. A senhora não desligava o motor da palavra até que Luís alterou seu tom de voz.

— Mãe! — gritou — para com isso! É apenas uma passeata, nós não vamos ficar aqui em Arcoverde com os braços cruzados, não dá!

Manuela se esquivou, caminhou pelo corredor em direção à cozinha. Sentou-se à mesa. Dona Lucinha ouviu o que Luís falou, mas não concordou com a viagem, insistiu que não queria estar viva para ver um filho comunista e que o final daquilo tudo poderia ser trágico.

— Vocês podem ser presos, filho! Me escuta — falou com as mãos na cabeça.

— Livres, nós não somos, mãe.

Manuela, Luís e mais cinco militantes planejaram ir a Recife para a passeata a favor das Diretas. E nem o pavor de dona Lucinha os fez desistir da ideia. Passada a visita de sua mãe, Luís foi ao centro da cidade e delegou tarefas às duas funcionárias que ficariam responsáveis pela *Livraria do Povo* enquanto o casal estivesse ausente. Checou o caixa, limpou sua escrivaninha de

estilo imperial que ficava num canto mais recuado. Entre um cliente ou outro, era ali que realizava suas leituras. Em cima daquele móvel antigo ficaram apenas canetas, lápis e um bloco de anotações. Guardou coisas nas gavetas.

Já em casa, a certeza de viajar foi novamente checada.

— Um sangramento, amor — disse Manuela deitada na cama do casal. — Deu medo.

Luís a abraçou e pediu que não se mexesse. Chamou a vizinha, que os tranquilizou relatando ter passado por isso nas três gestações. Disse que até passar os primeiros noventa dias era assim mesmo, mas para ficarem ainda mais sossegados poderiam telefonar para o médico da família, e ofereceu o telefone de sua casa. Luís aceitou a gentileza e conversou com ele, que em outras palavras transmitiu a mesma mensagem da vizinha. Só haveria com o que se preocupar se fosse algo recorrente ou se apresentasse outros sintomas como dor. Indicou repouso a Manuela.

Foi o que ela fez por toda a tarde. Sob o olhar atento de Luís. A mochila continuou encostada na cômoda, próxima à cama. Sua vizinha apareceu mais duas vezes com chá de cidreira e depois com caldo de ovo. Por volta das dezessete horas Manuela trocou o absorvente limpo, tomou um banho demorado e se vestiu com calça jeans e camiseta vermelha.

— Tô pronta — disse abotoando o relógio no pulso esquerdo —, agora é você.

— De jeito nenhum — respondeu Luís. — Pelo bebê, vamos ficar.

— Pelo bebê, vamos a Recife no ônibus de vinte e duas horas — falou acarinhando a mão do marido. — Estamos bem.

Luís não estava confiante, mas ao mesmo tempo não queria ouvir outra coisa. Foram de carona até à rodoviária e lá encontraram os amigos que também se organizaram à passeata. Foi uma

viagem tranquila, Manuela checou o absorvente duas vezes no banheiro do ônibus, não houve sangramento. O que a fez dormir o restante dos quilômetros percorridos de Caruaru a Recife.

O relógio na rodoviária marcava duas horas e quarenta e nove minutos. Nem parecia madrugada tamanho o barulho de motores e gente em movimento. Reunidos, o casal e os companheiros de viagem decidiram aguardar o dia amanhecer numa lanchonete no piso superior. E antes mesmo de sentarem foram abordados por três policiais que fizeram uma revista sem explicações. As duas mulheres do grupo foram invadidas por mãos abusivas de poder. Luís pediu que parassem, mas foi em vão. Em segundos, aquela abordagem pincelou o grupo com vergonha.

— Que abuso foi esse? — esbravejou Luís. — Tudo bem, Manuela?

— Trogloditas! — disse um dos amigos.

Sentaram à mesa da lanchonete. Menos Luís, que ficou irrequieto. Manuela levantou, o abraçou, lembrou do motivo que os levara até ali. Pediram café com leite e pão na chapa. Ao lado, uma senhora estava com seu rádio de pilhas noticiando o cotidiano em Recife e alertando para as pessoas ficarem em casa, visto que uma passeata ocorreria ainda naquela manhã e poderia causar tumultos aos redores do centro da cidade. O radialista utilizou as palavras baderneiros e desocupados para classificar os participantes do protesto.

Luís colheu informações sobre o ônibus que os conduziria da rodoviária até o centro. Eles não estavam sozinhos. Muita gente ia à passeata. De várias cidades. Quando passaram pela avenida Abdias de Carvalho uma frase ecoou do fundo do ônibus "*Fora General! Fora General!*". O trocador sorriu com o canto da boca e balbuciou a frase sem emitir som. O motorista olhou pelo espelho com a testa franzida.

Avistaram a multidão antes mesmo de descerem do ônibus. De fato, mudar as coisas interessava a um bocado de gente. Manuela e Luís deram as mãos e se misturaram às vozes desconhecidas de cântico familiar. Com braços erguidos, tudo fazia sentido, estavam mesmo onde desejavam. Não largaram as mãos, nem os sorrisos. Após certo tempo, buscaram por água e enquanto aguardavam a fila até um ambulante, conversaram menos de um minuto com um homem que os cumprimentou, falou da importância do momento, perguntou se eram de Recife mesmo e parabenizou pelo deslocamento até lá.

— Atentos e fortes, companheiros. Atentos e fortes — disse-lhes.

— Sim. Sim, sim — foi tudo o que disse Luís.

Despediram-se com tapinhas nas costas. O homem seguiu os cumprimentos.

— Seu conhecido, Luís? — perguntou Manuela já com uma garrafa de água nas mãos.

— Velho conhecido, Manu — respondeu seu marido sorrindo. — Miguel Arraes.

Manuela o encheu de perguntas: por que não os apresentou? Por que ele estava ali no meio de todo mundo? Sozinho? Sem segurança, nem nada?

— Agora, imagina se não estamos mesmo no lugar certo, Manu? — Luís a pegou no colo e girou.

Recordou-se do sangramento do dia anterior, parou e propôs buscar um local para checar se estava tudo bem. Foi o que fizeram. Não havia com o que se preocuparem e seguiram com os amigos. A passeata já prosseguia ao som de tambores e cornetas de frevo.

Ouviram pessoas. Conheceram ideias. Pintaram cartazes. Andaram um bom percurso.

Reivindicar o retorno do direito de escolher o nome para presidência da república era o caminho para o fim de uma ditadura

militar que assombrava o país por vinte anos. Por isso, Manuela e Luís estavam na passeata, consideravam a situação insustentável. Inclusive em Arcoverde, onde Manuela recebeu um aviso. Certa noite, dois homens a cercaram perto de casa para alertá-la sobre o perigo de seus pronunciamentos em lugares públicos, especialmente por apoiar a fundação de sindicatos. Foi um grande susto, que ela dividiu apenas com Luís.

Ao mesmo tempo em que ouviram anunciar o final do trajeto da passeata, se assustaram com o barulho de bombas. Vários disparos. Pessoas dispersas. Luís e Manu agarraram-se e correram à calçada. O grupo de Arcoverde se desfez entre fumaça, gritos e feridos. Uma ditadura não entregaria os pontos de bom grado. Nem ouviria pessoas sufocadas pelo não grito. Também não consideraria o que chamava de opiniões apaixonadas, sonhadores desocupados ou mesmo brasileirinhos desgovernados.

— Não vai ser fácil — disse Manuela passando a mão em sua barriga —, mas mamãe e papai estarão aqui, pertinho.

Luís a abraçou e assim permaneceram até a madrugada gelada de Arcoverde. Do grupo, todos voltavam inteiros à cidade, com ferimentos leves apenas um deles, que caiu no meio da confusão. Por volta das três horas o táxi desembarcou com o casal, que estranhou as luzes acesas na vizinhança. Pagaram a corrida ao taxista e quando Luís tentava abrir a porta de casa foi abordado pela vizinha que os apontou em direção ao centro da cidade. Avistaram uma nuvem cinza entre as luzes amarelas dos postes. Cheiro de queimado. Não abriram a porta de casa. Desceram em disparada.

— Não pode ser, Manu — falou Luís.

Havia um amontoado de gente na rua. Alguns parentes, amigos, a polícia. Baldes com água jogados em coro. Mangueiras à pinga gotas. Manuela e Luís se uniram ao querer cessar fogo que alastrou a livraria. Não havia mais o que salvar senão a velha escrivaninha que alguém conseguiu alcançar e apoiar na calçada. *Recruta Zero*, Cecília Meireles, *O pequeno príncipe*, Paulo Freire. Cadernos, cadernetas e agendas 1984. Naquele dia não haveria o *Diário de Pernambuco* dos assíduos leitores. Danilo não leria o quadrinho. Vez ou outra o moleque passava na livraria no final da tarde quando retornava da escola com o uniforme do Patronato Aníbal Siqueira. Pedia para ler mais um episódio. Agradecia com o cuidado ao folear as páginas. Livros novos, usados, de estima.

— Foi morte morrida ou matada? — perguntou uma moça.

— E o que importa saber isso agora? — um senhor quis saber.

— Se morrida, ninguém briga com Deus. Se matada, a gente presta conta. – respondeu com as duas mãos na cintura. — Cadê a polícia? Polícia! — gritou.

Luís apoiou-se na escrivaninha. Foi abraçado por seus pais, que em seguida levaram Manu para o outro lado da calçada com menos fumaça. Passou a mão no móvel sobrevivente e tentou abrir as duas gavetas. Estavam emperradas. Tentou novamente com mais força. A do lado esquerdo descerrou e mostrou algo que as chamas não alcançaram. Um caderno e um livro. As ideias de Frei Betto estavam salvas, e as de Luís e Manuela, também.

As cinco cartas de Ana

Ana May Brasil

Durante um pouco mais de dez anos Airton trabalhou em uma pequena cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Foi para lá logo que passou no concurso de investigador. Gostava bastante da vida pacífica da cidade serrana, onde casou e teve filhos. Não fosse a necessidade de sua mulher cuidar de seus pais idosos, não teria se transferido para a capital do estado. Antevia o tipo de dificuldade que teria de enfrentar em uma megalópole lotada de problemas e com policiais de todo tipo.

Seus desacordos com Fagundes, designado seu supervisor, logo surgiram, envolvendo questões teóricas e práticas. Basicamente, um acreditava que cabia à polícia acabar com os bandidos e o outro, que estes deveriam ser recuperados para a sociedade. Parecia simples. Contudo, o modo de pensar e agir de Airton o levavam a vivenciar situações difíceis.

— Não posso fazer isso cara!

— Como não? Está amarelando? Essa velha é mãe do Boró! Ele vai tentar tirar ela do nosso controle e aí prendemos ele de

boa. Não precisa fazer nada com a velhinha, só tirar de circulação e aguardar o Boró morder a isca.

— E se ele não aparecer?

— Aí nós damos um tratinho nela.

— Maldade demais com a velha.

— E daí? Pensa doutro jeito. Temos chance de prender o elemento que vive levando gente pro crime, corrompendo todo mundo da comunidade. Tu num quer acabar com isso, seu frouxo?

Foi quando Airton partiu pra cima dele.

Fagundes reagiu prontamente e os dois se engalfinharam. A briga foi feia e só acabou com a intervenção de mais gente.

O arranca-rabo deveu-se, em parte, a uma visita que Airton recebeu no dia anterior. Ficara meio sem rumo depois de ser levado a relembrar momentos de sua vida que pensava haver sepultado e também por tomar conhecimento de fatos que desconhecia sobre seus pais. De repente, uma série de comportamentos se explicaram e ele ficou dividido entre a tristeza de ter vivido tanto tempo sem compreendê-los e a alegria de enfim vê-los esclarecidos.

Quem o visitou foi uma senhora que havia sido muito amiga de sua falecida mãe, quando ambas moraram no Rio de Janeiro, no meio da década de sessenta.

O encontro o perturbou não só pelo que ouviu sobre a juventude de seus pais, mas também pela leitura de cinco cartas que sua mãe escrevera à Cleide entre 1968 e 1970.

Seus pais se conheceram no primeiro ano de curso no Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1968. Casaram-se dois anos depois e logo Airton nasceu. Antes que completasse três anos, perdeu a mãe, e o pai foi para o exterior, onde permaneceu por bem dizer uma década. Airton ficou no Brasil, sendo criado por seus avós maternos. Estes, marcados por uma vida de muito trabalho, dispensavam precários cuidados ao

"filho" temporão. Ademais, pertenciam a uma geração que não costumava dar explicações aos mais novos. Airton tornou-se uma criança pouco comunicativa e essa característica passou a fazer parte de sua personalidade.

Um evento que muito lhe marcou foram as primeiras férias com o pai, em Londres. Não entendeu o porquê de ele estar sempre reclamando de tudo, de cara amarrada, sem jamais arranjar tempo pra brincar com ele. Só mudava de humor quando recebia amigos brasileiros, mas aí todos terminavam os encontros super bêbados e disso ele não gostava.

Quando o pai voltou ao Brasil, e foram morar juntos, ele já se tornara um homem e quase esquecera os traumas relativos àquela fase em que pouca coisa fazia sentido para ele.

Agora, mais de quarenta anos depois de escritas, Airton lia as cartas de sua mãe para Cleide. Junto delas encontrou também um velhíssimo manuscrito. Tratava-se do rascunho de um discurso que teria sido escrito por Gonçalves Ledo e parecia dirigir-se ao povo brasileiro. Neste, entre muitas datas riscadas a última era 25/07/1922. Estranhou aquele papel no meio das cartas de sua mãe, mas lembrou que Cleide lhe falara que sua tese de doutorado fora sobre a independência do Brasil. Deveria estar ali por acaso.

A primeira carta, curta, tinha um quê de esperança, beirando a inocência. Airton até sorriu ao lê-la:

Rio de janeiro, 4/3/1968

Cleide,

Puxa vida! Primeiro dia de aula na faculdade! Aqui, no campus do Fundão, é tudo imenso e com muitos alunos transitando por todo lado. Esse ano vieram para a Ilha do Fundão também os cursos de Física, Astronomia e Meteorologia que, dessa forma, se somam a todas

as especialidades da Engenharia da UFRJ. Não sei se porque esses cursos são considerados mais masculinos, o fato é que a maioria dos estudantes é de homens. Contudo, já bati o maior papo com uma colega chamada Elisa. Voltamos no mesmo ônibus até a metade do percurso. Percebi que todo mundo aqui fala muito em política (diferente da minha terra), sempre contra o regime militar. Claro que adorei isso, mas pode ficar tranquila que terei bastante cuidado ao expor minhas ideias.

Hoje é só isso. Estou ajeitando minhas coisas no pensionato. Quero resposta rápida. Abraços da Ana.

A segunda carta falava de indignação e do despertar da resistência:

Rio de Janeiro, 29/3/1968

Cleide,

Sem dúvida você já leu nos jornais sobre o sepultamento do estudante Edson Luís hoje, aqui no Rio. De fato, uma grande parte da cidade (envolvendo centro e zona sul) parou!

Pela manhã, quando cheguei ao campus, percebi uma movimentação diferente, parecendo que todos os alunos estavam sem aulas. No pátio, e no estacionamento ao lado, percebi vários grupos envolvidos na confecção de faixas e cartazes. Era a preparação para o enterro do estudante secundarista assassinado pela polícia, no dia anterior. Procurei minha turma e, junto com os colegas Antônio e José me engajei na organização dos grupos que participariam do cortejo-passeata.

Às 15h já estávamos nas escadarias da Assembleia Legislativa, na praça da Cinelândia. Foi muito bacana ver uma multidão de gente, muitos carregando cartazes com dizeres como: "Bala mata fome?",

"Os velhos no poder, os jovens no caixão", "Mataram um estudante. E se fosse seu filho?". E adivinhe os títulos dos filmes anunciados nos três cinemas da praça? "A noite dos generais", "À queima-roupa" e "Coração de luto". Uma prova do espírito que cresce entre todas as camadas da população carioca.

Passavam das 16h quando se iniciou o cortejo, saindo pela Avenida Rio Branco em direção ao Cemitério São João Batista, em Botafogo. Uma multidão de jovens, idosos, bem-vestidos, malvestidos, sozinhos, agrupados, todos aproveitando a oportunidade para demonstrar seu descontentamento com o que estamos vivendo. Ah! Também se viam muitas faixas representando as mais diversas associações, escolas, faculdades, etc. Longa foi a caminhada e toda ela ao som de vozes gritando palavras de ordem, incitando as pessoas que assistiam, à beira das calçadas, a aderir, o que realmente aconteceu, pois quando chegamos ao destino a multidão era bem maior do que no ponto de partida.

Antes do caixão baixar à sepultura, foram muitos os discursos, todos inflamados, contra aquela barbárie. Por fim o Hino Nacional e aí a comoção foi completa. Cantar o nosso hino, acompanhada por tantas vozes e em um momento tão significativo, foi uma emoção que nem sabia que existia.

Depois fiquei com uma certeza: essa droga de ditadura acabou desencadeando um processo de crescimento no movimento estudantil que ninguém segura. Na minha faculdade, por exemplo, colegas antes desinteressados por política, juntaram-se a nós nessa empreitada e garanto que isso vai acontecer de uma forma geral.

Escrevi demais, não foi? Muitos abraços, amigona.

A terceira carta transbordava de otimismo com a resistência ao regime de exceção, e fez Airton sentir um certo orgulho de sua mãe:

Rio de Janeiro, 2/7/1968

Cleide,

Hoje vou contar sobre a passeata que reuniu 100.000 pessoas aqui no Rio.

Para início de conversa, ela não aconteceu de forma irrefletida como a imprensa, comprometida com o regime, quer dar a entender. Foi fruto de muito trabalho por parte dos partidos de esquerda, de sindicatos, de setores da Igreja Católica e de jornalistas. Pelo menos no Fundão, os partidos políticos mais atuantes fizeram de tudo para que a passeata fosse o sucesso que foi.

Soube e participei de várias reuniões de discussão e organização visando o acontecimento.

Meu auxílio nos preparativos foi arranjando dinheiro. Com meus colegas Antônio, José, Elisa e Alex arrecadamos uma verbinha boa nos transportes coletivos que faziam linhas menos policiadas. Íamos como passageiros, pedíamos licença ao motorista e, um de nós começava um discursinho explicando o pedido de dinheiro, enquanto outros vigiavam a movimentação e arrecadavam as colaborações. Incrível como a coisa dava certo. Outra ação na qual me meti foi fazer o tal discursinho, seguido de arrecadação de fundos, em uma grande loja de departamentos (fui na Mesbla, que você tão bem conhece). Nesse dia, é verdade, quase íamos sendo pegos, contudo acabamos escapando.

A passeata foi demais!!! Jamais esperei uma multidão daquelas. Todo mundo formando fileiras e de mãos dadas, cantando, se confraternizando, vivendo a mesma emoção de se sentir forte, capaz de mudar o destino do seu país. Estou chorando. Tenho que parar. Até a próxima.

Sua, Ana.

A quarta carta revelava o grau de estresse e de engenharia dos que resistiam ao regime. Airton a leu com o coração apertado:

Rio de Janeiro, 15/12/1968

Cleide,

Anteontem foi baixado o Ato Institucional nº 5.

Daqui pra frente vamos ser mais cuidadosos ainda, pois acabaram com nossos direitos de cidadãos. Estão caçando (para prender) artistas, intelectuais, jornalistas e, é claro, líderes estudantis como Vladimir Palmeira, Franklin Martins, Jean-Marc e outros.

A coisa está tão feia que, há alguns dias, nosso colega Alex estava saindo do cinema Paissandu, quando foi abordado por dois policiais civis. Levaram-no para a delegacia, pediram seus documentos, lhe fizeram um monte de perguntas e recomendaram que ele raspasse a barba de comunista! Um absurdo!

Ontem fizemos uma pichação nos arredores do Maracanã. Fomos dez estudantes, todos aos pares. O propósito era fingir que éramos namorados, caso se fizesse necessário. Cada dupla carregava seu material de pichação e se encarregava de um pré-determinado local. Nessa divisão o José ficou com a Elisa e eu com o Antônio. Pegamos uma rua residencial e, como já passava de 22h, havia pouco movimento. Nós dois pudemos trabalhar com calma, porém, quando estávamos concluindo, pela terceira vez, as frases "Abaixo a ditadura" e "Viva a UNE", percebemos a aproximação de um carro. Imediatamente pusemos os tubos de tinta (spray) entre nossos corpos, nos abraçamos, encostamos em uma árvore e aguardamos na maior tremedeira. O carro parou perto de onde nos encontrávamos, desceram dois policiais e os ouvimos dizer, bem alto, "Rapaz, a tinta ainda está fresca, vamos encontrar esses delinquentes"! E vieram em nossa direção, parando perto da gente. Então, antes que nos dirigissem a palavra, o Antônio

virou-se, mantendo os objetos entre meu corpo e suas costas, e fez um gesto tão significativo que a velha solidariedade masculina falou mais alto e os policiais seguiram em frente. Uma loucura!

Bem, tenho que me despedir. Continue dando suas notícias e comentando as minhas. Espero com ansiedade suas cartas.

Ana.

A quinta carta, repleta de emoção, deixou Airton com o coração na goela:

Rio de Janeiro, 8/4/1970

Cleide,

São quatro horas da manhã e desisti de pegar no sono. Ontem à noite, Alex e eu marcamos um daqueles encontros com o José e Elisa. Como sempre, tivemos que esperar um tempão por eles, que chegaram cheios de cuidados, entrando sorrateiramente no fusquinha onde estávamos, no final da praia do Leme.

O cerco sobre eles estava cada vez maior. Por segurança, foram obrigados a mudar de moradia três vezes e, na faculdade, só aparecem esporadicamente, frequentando as aulas de forma irregular. Lá mesmo, no campus, já apareceram uns tipos suspeitos procurando por eles.

Nosso encontro, marcado pela apreensão, durou quase uma hora, aproveitando a chuva que caía, justificando a presença de quatro pessoas dentro de um carro.

E aí, o casal soltou a bomba: estava se despedindo! Seria muito arriscado permanecerem no Rio e, tal como acontecera com o Antônio, o Partido os enviava para uma missão clandestina, em local desconhecido, por enquanto, até deles próprios. Passaram-nos seus documentos originais (já estavam com novos), fotografias deles no dia

que se casaram e outras, alguns objetos de uso pessoal e as melhores roupas que ambos possuíam. Permaneceram somente com as mais simples e apropriadas ao calor, o que nos indicou uma incumbência secreta em local de clima quente. Elisa fez questão de me entregar batons e ruges dizendo: "Agora acabaram essas frescuras, me dedicarei inteiramente à revolução". Puxa vida! Ela tem apenas dezoito anos e, talvez por eu ter alguns anos a mais, sinto-a muitíssimo jovem para tomar tal decisão. Afinal os dois estão abandonando a faculdade, a cidade que haviam escolhido para viver, os amigos e até alguns familiares, também residentes aqui! Mas, a verdade é que são ambos profundamente idealistas e acreditam que devam se sacrificar pelo futuro do país. Na verdade, estou dividida em relação à atitude deles. Por um lado, admiro demasiadamente a dedicação de ambos, a ausência completa de egoísmo, a determinação na luta por aquilo em que acreditam. Mas também penso que estão sendo muito ingênuos, talvez crendo que possa acontecer aqui algo semelhante ao ocorrido em Cuba.

Sei que jamais esquecerei essa despedida. A chuva caindo, o vento açoitando o mar, o fusca todo embaçado, eu e Elisa abraçadas, eu chorando e ela tentando segurar as lágrimas, enquanto os rapazes se faziam de fortes. Por fim, os gestos de adeus e a voz rouca do José dizendo: Até o Governo Popular Revolucionário, companheiros!

Estou chorando mais uma vez, impossível continuar escrevendo.

Um abraço apertado da Ana.

As cartas que clarearam o envolvimento de Ana, sua mãe, no movimento de resistência contra a ditadura iniciada em 1964 deixaram Airton insone e angustiado. No dia seguinte, com os nervos descontrolados, partiu para cima do Fagundes. Foi a primeira e a

última vez. Naquele dia mesmo, tomou a decisão de voltar para a serra. Voltar, para tentar mudar as coisas, se não na metrópole, pelo menos no lugar onde ele achava ser possível.

Resistência

Angela Vasconcelos

Esse zumbido que eu escuto no ouvido e que médico nenhum sabe o que é deve ser resto de rádio. Ainda hoje parece que aquele chiado ficou aqui na minha cabeça e nos meus ouvidos. Só pode ser isso. Eu era doido por rádio. Escutar eu ainda escuto bem, é só um incômodo mesmo, esse zumbido dia e noite. Minha filha, eu já fui novo como você. Já fui um homem bonito, alegre e produtivo e vi esse país crescer nas mãos de gente correta e se acabar nas mãos de canalha.

Assumi uma colocação na Vale do Rio Doce em março de 1949 e casei em outubro do mesmo ano. Minha esposa era uma mulher boníssima e eu fiquei viúvo há dez anos. Tivemos oito filhos, todos formados e empregados, cada qual cuidando da sua vida. De vez em quando aparece um por aqui, mas meu bisneto que é médico é quem mais vem, não sei se por atenção ou por curiosidade de ver um corpo humano na decrepitude. Parece que ele é especialista em doença de velho – ô palavra horrorosa – e encontrou foi um laboratório fácil. Todo dia é uma dor, todo mês

é uma novidade de exame, um procedimento, sei lá o quê. Mas acho que minha memória, essa sim anda muito boa para quem fez noventa e dois anos na semana passada. Fizeram uma festinha aqui, bacalhau à portuguesa e um bolo mil folhas da Colombo. E meu bisneto ainda liberou que eu tomasse uma cervejinha, taí uma coisa que eu aprecio.

De festa eu sempre gostei, de serenata, de encontrar os amigos. Mas agora, música boa eu escuto pouco, os rádios de hoje só tocam porcaria. Meu filho grava umas coisas do meu tempo e me traz para ouvir, mas às vezes me atrapalho todo com o equipamento e tenho que esperar que alguém que entenda desse troço apareça aqui para me ajudar. A última seleção que ele trouxe tem Emilinha Borba, Marlene, Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Dick Farney, Orlando Silva. Tudo isso tocava no rádio na década de cinquenta, ô época boa, minha filha. E notícia? Nunca houve nada igual ao rádio, *o primeiro a dar as últimas*. Você já ouviu falar que o fim do mundo vai ser noticiado pelo rádio?

Minha neta que é jornalista é que gosta dessas minhas conversas, ela me chama de *testemunha ocular da história*, para imitar o Repórter Esso. Já contei as mesmas histórias muitas vezes, mas ela não cansa de ouvir. Às vezes eu enfeito um pouco, só por diversão, como quando conto que tive um cacho com uma famosa cantora do rádio. Minha neta insiste que eu diga quem é, eu finjo que não digo em respeito à sua avó, e assim ela vai alimentando a imaginação.

Eu sempre gostei de festa, dei lá minhas escapadas, mas nada que chegasse perto dos meus companheiros da época e nem que tenha marcado minha vida mais do que outros episódios. Quando eu fiz trinta anos, resolvi comemorar meu aniversário com uns amigos e como estávamos bem de dinheiro, fomos ao Lamas, que na época ficava lá no Largo do Machado. A noite foi animada

porque um dos companheiros tocava violão, e então amanhecemos pelas ruas, animados pela música e pela bebedeira. Naquela madrugada de 23 para 24 de agosto, nós não podíamos imaginar o que se passava no Palácio do Catete, mas alguma coisa parecia estranha quando no caminho para casa reparei uma movimentação incomum por aquelas bandas. Pois foi chegar em casa e, mal me deitei, vieram correndo me avisar do suicídio de Getúlio. Na hora eu fiquei confuso porque estava meio alto e demorei a entender o que a empregada gritava. Não desligamos mais do rádio por todo o dia. Ainda lembro das palavras de Oswaldo Aranha na Rádio Nacional: *Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada temo. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.*

Nada do que você viu nos livros é parecido com o que eu vi, minha filha, multidões nas ruas, manifestantes depredando a sede do jornal do Lacerda, milhares de pessoas chorando, desmaios, crises nervosas. O país ficou em choque. Eu estive no velório, consegui chegar bem perto do caixão e ainda vi D. Darcy e a Alzira chorando elegantes. Minha neta levou a revista *Cruzeiro* que tinha uma foto em que eu apareço e nunca mais me devolveu.

Esse país nunca mais foi o mesmo. A juventude de hoje não sabe quem foi Getúlio Vargas, o melhor presidente que tivemos. Carteira assinada, você tem? Getúlio. Salário mínimo, quem criou? Leis trabalhistas? Primeiras indústrias? Tudo Getúlio. Tenho um genro que trabalha na Petrobrás e agora anda com uma conversa de defender a privatização. Ora, onde ele está com a cabeça? Entregar o tesouro do Brasil para o mercado estrangeiro, essa riqueza que Getúlio cuidou de proteger. Essa minha neta jornalista é de esquerda e uma vez chegou aqui muito contrariada para comentar que a Vale do Rio Doce tinha sido vendida. Olhe que eu fiquei danado, bando de canalhas que vendem o Brasil a preço de

banana. Minha filha, quando eu comecei a trabalhar na Vale, era uma colocação de tanto respeito que meus pais fizeram uma festa para comemorar. Ali sim, era uma repartição forte, que elevou a economia do Brasil, que trouxe mais dinheiro para dentro do país. Chegamos a exportar milhões de toneladas de ferro. E o que fazem? Olhe que eu não me conformo com os rumos desse país.

Só quem acompanhou o Brasil se desenvolver sabe valorizar o nosso patrimônio. Eu vi as indústrias chegarem aqui, de petróleo a automóvel, de minérios a hidrelétricas, construção de estradas, empregos, e tudo se acabando por causa de desmando e ganância desses governantes que não tem amor pelo país. Político que gosta de pobre não tem chance nesse país, veja o que aconteceu com Getúlio. E ainda ficam dizendo que ele era populista, como se isso fosse ruim.

Eu ainda acompanho o que se passa, às vezes nas conversas, às vezes por notícias. O pior é que não tem mais noticiário que preste. Principalmente o da televisão, que eu nunca gostei. Demorei muito para adquirir uma, até que minha esposa, aborrecida de sempre ir assistir à novela na casa da vizinha, me convenceu a ter uma em casa. Mas eu mesmo utilizei pouco, minha preferência sempre foi pelo rádio. Para você ter uma ideia, foi nele que eu acompanhei a Segunda Guerra, do começo ao fim. Eu digo para minha neta jornalista: quando nem se falava em globalização, a Rádio Nacional já noticiava fatos do mundo todo e ela reclama que os Estados Unidos não é o mundo todo. Ora, se naquela época Getúlio conseguiu trazer para uma rádio no Brasil notícias dos Estados Unidos, imagine o que faria hoje. Eu digo isso quando ela se queixa da má qualidade do jornalismo e quando reclama da forma parcial como a imprensa dá notícias. Ela anda muito revoltada com essa história toda que está acontecendo com a presidenta – acho esquisito esse nome, mas é assim que ela chama.

Pois eu digo a ela que o golpe começou foi em 54 e também teve participação da imprensa e da elite. Ela sabe disso, mas anda tão preocupada com o que acontece agora que se esquece do que já houve no passado. Só que o Getúlio foi tão firme que cumpriu o que disse, só saiu do Catete morto. Ela fica brava comigo porque diz que há jeito mais nobre de resistir.

Resistir é o que eu tenho feito nos últimos tempos, minha filha. A solidão da viuvez e a perda quase cotidiana dos amigos são como um mapa que me mostra as rotas já percorridas e eu me recuso a ver o pouco que ainda me falta atravessar. Resisto às dores, resisto às limitações do corpo, resisto ao esquecimento. Aquele castiçal ali ao lado, não lembro bem como ele chegou na nossa casa, sei que é bem antigo porque minha esposa dizia que era do século XIX. Não tem mais utilidade que não seja a de me lembrar que, como ele, eu também tenho história. E é pela memória que eu existo. E resisto.

Nascido em Monte Castello

Marcelo Lettieri

Seu ritual era sempre o mesmo naquelas noites frias de Petrópolis: vestia seu pijama de flanela cheirando a naftalina, as mesmas meias de lã e as havaianas que mal sustentavam os volumosos pés. Seguia mancando até a cozinha, ancorava o encardido coador de café em uma espécie de haste metálica sobre o bule, acendia o fogão e o cigarro com o mesmo fósforo, colocava uma chaleira com água sobre o fogo, adicionava duas colheres cheias de pó de café, misturava e ficava vigiando aquela espécie de experimento, concentrado, em silêncio, até que, como mágica, a mistura escura começava a inchar dentro da chaleira, ameaçando escapar. Ele então retirava a chaleira do fogo e, tranquilamente, despejava aquele líquido rebelde dentro do coador, dizendo: *Dante, café tem que ser assim, preto como o piche e quente como o fogo do inferno!* E após conferir meu sorriso, enchia sua xícara e se dirigia à sua velha cadeira estilo Dom José no canto da pequena sala. Eu o seguia e sentava na almofada à sua frente, aguardando o início da nossa aventura.

Era assim que meu avô se preparava para mais uma de suas histórias noturnas, rotina de meus dias de férias em sua casa, que eu aguardava ansiosamente. E ele sempre começava do mesmo jeito: *o que vou contar hoje pode ter acontecido ou não, nunca iremos saber, e nem é preciso*. E já emendava a sua verdade inventada, que me transportava cada dia para um mundo diferente, embora com características comuns que o narrador não conseguia esconder.

Mas naquela noite de julho de 1995, ele prestes a completar setenta anos e eu saindo dos meus quinze, a rotina foi levemente alterada: ele adicionou uma dose de vodca ao café quente, substituiu o cigarro por um charuto e ao sentar-se na sua velha cadeira alertou: *hoje, vou contar a você uma história verídica e essa é a primeira vez que a revelo a alguém*. Tomou um longo gole de café e começou, mais sério do que o habitual.

Estávamos em novembro de 1944. Eu era um jovem soldado de dezenove anos jogado no norte da Itália no meio de uma guerra que não era minha. Como assim um jovem soldado? – pensei. Ele não disse que seria uma história verídica? Sempre se gabou de ter tido uma única profissão: torneiro mecânico. Que história é essa de soldado? E de que guerra ele está falando?

Um frio intenso que já era previsto por todos – ele continuava – *agravava uma situação já bastante complicada pelas chuvas que transformaram em imensos lamaçais as estradas esburacadas pelos bombardeiros aliados*. 1944, norte da Itália, bombardeiros, aliados... Ele está falando da Segunda Guerra? – pensei.

O Eixo – com mais soldados alemães do que italianos, apesar de estarmos na Itália –, sob o comando do general Heinrich von Vietinghoff, tinha construído um complexo de defesas bastante resistente em torno dos montes Castello, Belvedere e Della Torracia. A artilharia ocupava posições privilegiadas, dificultando qualquer avanço dos aliados em direção à Bolonha e ao Vale do Pó, rota que

os aliados buscavam dominar. Puxa! Ele está falando da Segunda Guerra Mundial mesmo – pensei. Lembro-me de alguns desses nomes. Eixo, Monte Castello, artilharia. Acho que li isso naquele livro que ele tem sobre a Força Expedicionária Brasileira. E também alguma coisa naquele livro chato de história que ninguém da minha turma leu, eu acho. Mas ele nunca me disse que tinha ido à Guerra. E nunca ouvi de ninguém que ele tivesse sido um Pracinha.

As mensagens que nos chegavam, sempre truncadas, davam conta de que o comandante das Forças Aliadas na Itália, general Mark Clark, tentaria liberar o caminho rumo à Bolonha antes que as primeiras nevascas começassem a cair, e isso exigia a tomada de Monte Castello. Os soldados aguardavam ansiosamente esse momento, tomados por um terror pré-ataque muito mais intenso que aquele frio cortante. Matei a charada. Vô Vicente era um dos soldados da FEB e foi lutar pelos aliados na Itália. Lógico que é isso. Quando eu contar pra galera, eles vão achar o máximo! Meu avô, um herói de guerra. Mas por que ele escondeu isso de todos? Será que minha mãe sabe disso? E meu pai, que odeia milicos, vai descobrir que seu sogro foi um deles! Tive que me segurar pra não gargalhar, pois meu avô continuava o relato com a testa franzida e o olhar marejado.

Lembro nitidamente da primeira investida dos aliados ao Monte Castello. Os comandantes sabiam que uma única Divisão de Infantaria não era tropa suficiente para uma missão daquela envergadura e naquelas condições de clima e terreno, mas também sabiam que não receberiam novas tropas naquele ano e tinham que atingir Bolonha antes do Natal. Vô Vicente pareceu vasculhar suas memórias, franziu mais ainda a testa, respirou fundo, sorveu um grande gole de café, deu uma breve tragada no charuto e continuou.

Nos dois primeiros dias de ataque, os soldados aliados

conquistaram o Monte Belvedere e chegaram a alcançar o cume do Monte Castello, que era vizinho. No entanto, os homens da Divisão de Infantaria do Eixo recuperaram as posições perdidas numa contraofensiva, obrigando os soldados aliados a abandonar as posições conquistadas no Monte Castello para não perderem as posições no Monte Belvedere. Perderam-se muitas vidas nesse dia. Meu irmão foi um deles. Uma bala atravessou o seu olho esquerdo e ele caiu inerte a minha frente. Meu avô pausou o relato e olhou nos meus olhos, sem nada dizer, perscrutando meus pensamentos. Irmão? Que negócio é esse de irmão? – pensei. Ele não é filho único? Que irmão era esse? E também foi pra guerra? E vô Vicente nunca deu uma palavra sobre tudo isso? Por que um herói brasileiro da Segunda Guerra Mundial se esconderia atrás de um torneiro mecânico de uma pacata cidade serrana do Rio de Janeiro?

Os aliados preparavam um novo ataque ao Monte Castello, utilizando agora três batalhões da 1ª Divisão de Infantaria e o suporte de três pelotões de tanques americanos, quando foram surpreendidos, na noite anterior, com o contra-ataque do Eixo às posições no Monte Belvedere. Não! – meu avô gritou, me assustando. *Por que não recuaram?* Nova pausa, algumas gotas de suor brotavam de suas têmporas, apesar do frio. E eu me encolhia na almofada, petrificado, aguardando as próximas palavras.

Apesar de os Aliados estarem com o flanco esquerdo descoberto, os comandantes mantiveram a estratégia de ataque com dois batalhões, alegando que as tropas já haviam ocupado suas posições e não seria inteligente recuar. Parece que não conheciam o conceito de inteligência. Mas numa guerra, parece que não conhecemos conceito algum, Dante. E pela manhã um novo ataque foi efetuado. Com a chuva intensa e o céu encoberto, a força aérea não pôde dar apoio e o os tanques americanos ficaram presos no lamaçal. Assisti a tudo de uma posição privilegiada, alta e recuada. Os dois batalhões da

FEB conseguiram um bom avanço no início, mas o contra-ataque dos soldados de infantaria do Eixo foi violento e, ao cair da tarde, os brasileiros recuaram para suas posições iniciais, exaustos e humilhados. Ele ficou numa posição privilegiada? Será que existe uma posição privilegiada no meio de uma guerra, num terreno lamacento e num frio dos infernos? Pensei em interromper e perguntar, mas uma das regras de ouro que ele tinha estabelecido para essas histórias noturnas era a de que não deveria ser interrompido até dizer "*pois é isso!*". Essa era a senha para registrar que tinha acabado. Normalmente ele acabava num ponto que me deixava na expectativa pela sequência, mas não adiantava eu pedir insistentemente pela continuação, pois a resposta era sempre a mesma: *ainda estaremos vivos amanhã*. E quem disse que eu teria coragem de quebrar essa regra justamente agora? Permaneci atônito e aguardando novas surpresas, mas torcendo para que não fossem muitas ou indesejáveis. Ele pigarreou e retomou o relato.

Tivemos uma aparente calmaria por alguns dias, mas os Aliados continuaram avançando sua Divisão de Infantaria em direção aos montes Della Torracia e Belvedere. Isso mostrava que, mesmo depois de duas tentativas frustradas, Monte Castello ainda era o objetivo principal da próxima ofensiva aliada, só tendo sido adiada por mais uma semana. Eu já ia quebrando a regra de ouro com um "mas vô...", quando ele colocou seu indicador perpendicularmente nos lábios e decretou meu silêncio, continuando.

Passados mais alguns dias, os comandantes dos batalhões do 1º Regimento de Infantaria decidiram avançar, conquistaram algumas posições, mas deixaram seus soldados no meio do pesado fogo da artilharia alemã, permitindo um massacre, uma das mais violentas batalhas enfrentadas pelas tropas brasileiras. Mais um fracasso do Comando Aliado. Eu tinha certeza que os Aliados recuariam em definitivo e buscariam nova frente de batalha. Aquela parecia fadada

ao insucesso. E com a chegada do período mais frio do inverno, com nevascas intensas, o recuo seria a melhor estratégia. Vou ao banheiro – interrompeu bruscamente vô Vicente. Eu também – gaguejei, e pensei: tomara que não invente de continuar essa história somente amanhã! Acho que não estaremos vivos.

Antes de retornar, meu avô requentou o café do bule, outra novidade em sua rotina, e "um crime inafiançável", como ele dizia, pois não admitia um café que não fosse "recém passado". Preencheu meia xícara e a completou com a vodca. Acendeu um cigarro e retornou lentamente pra sua cadeira. Eu dei minha mijada enquanto ele esquentava o café e retornei ao meu lugar logo em seguida. Ele sorveu outro longo gole da bebida, limpou a boca com o dorso das mãos e continuou.

Somente mais de dois meses depois da última investida fracassada, o Comando Aliado determinou o início de um novo ataque ao Monte Castello, denominada de Operação Encore. Tal ofensiva teve início em 18 de fevereiro de 1945, aproveitando uma pequena trégua do inverno, e utilizou um grande contingente, mobilizando as tropas da 1ª Divisão de Infantaria da FEB e da 10ª Divisão de Montanha americana. Parece que os idiotas dos comandantes dos Aliados perceberam que o Monte Castello só seria tomado dos soldados do Eixo se toda a força aliada disponível no teatro de operações italiano fosse empregada no ataque. Meu avô fez uma nova pausa (será que foi um leve sorriso o que vi em seus lábios?), bebeu o que restava do café num último gole, fez uma careta e tragou os resquícios do cigarro. Respirou com dificuldade e continuou.

A estratégia dos aliados foi a seguinte, Dante: a tropa de elite da 10ª Divisão de Montanha dos Estados Unidos avançaria pelo flanco esquerdo para tomar os montes Belvedere e Della Torracia e garantir, dessa forma, a proteção ao setor mais vulnerável para um ataque a Monte Castello. As tropas da FEB partiriam rumo

ao Monte Castello. No entanto, os soldados do Eixo impediram os americanos de conquistar posições no flanco esquerdo a tempo e as tropas brasileiras tiveram que avançar sem essa proteção estratégica.

A tensão aumentava visivelmente no rosto do vô Vicente e eu já estava com receio de ele ter um colapso, mas ele insistia em continuar e eu agradecia silenciosamente a sua insistência, pois não aguentaria aguardar para o dia seguinte o desfecho dessa história, qualquer que fosse ele.

O derradeiro ataque começou ao amanhecer do dia 21 de fevereiro, com a movimentação coordenada dos três batalhões da FEB: o Franklin na direção frontal ao monte, o Uzeda seguindo pela direita e o Sizeno Sarmento aguardando, nas posições privilegiadas que alcançara durante a noite, o momento de juntar-se aos outros dois. O plano era chegar ao topo do Monte Castello no máximo ao entardecer, após a tomada do Monte Della Torracia pela 10ª Divisão de Montanha. Mas a tropa americana só veio a cumprir a sua missão no dia seguinte. Pausando mais uma vez, e agora sem a xícara e o cigarro nas mãos, meu avô segurou com estranha firmeza o assento da antiga cadeira, movimentou o pescoço para ambos os lados, estalando-o, aspirou e soltou o ar lentamente, pigarreou duas vezes (e eu, estático) e prosseguiu, agora num ritmo mais lento, a voz embargando, mas firme.

Os primeiros soldados do Batalhão Franklin chegaram ao cume do Monte Castello no final da tarde e foram recebidos por uma saraivada de balas. Protegido por uma trincheira, eu comecei a atirar em todas as direções, pois o inimigo também parecia estar em todos os lugares. Uma granada explodiu à minha frente e estraçalhou a perna do comandante do meu pelotão, que tombou berrando e atirando para trás, atingindo alguns de seus soldados. O cabo Enrico teve o queixo arrancado e, em transe, percebi que havia sido atingido na barriga. Uma dor intensa começou a percorrer o meu corpo e, antes

que eu colocasse as mãos sobre o sangramento, outra granada explodiu ao meu lado e me jogou a alguns metros de distância. Antes de desmaiar, ouvi algumas frases num idioma desconhecido, mas que lembrava o meu, e alguns soldados apontando seus rifles para mim. Silêncio absoluto. Apenas o vento lá fora parecia compartilhar aquele momento conosco. Meu avô suava frio e algumas lágrimas percorriam sua face. Eu obviamente sabia que ele tinha sobrevivido ao ferimento, mas fiquei aguardando a conclusão da história.

"Se a FEB venceu a batalha de Monte Castello naquele exato momento, por que esses soldados inimigos estavam tranquilamente apontando os rifles pra você? Por que não o mataram?". Nesse momento, percebi que eu havia quebrado a regra de ouro. Estava fazendo essas perguntas em voz alta e ele, agora tranquilo, apenas levou a mão direita ao bolso, retirou um papel amarelado e o estendeu pra mim, sem dizer nada.

Olhei aquele papel com a curiosidade dos inocentes. A primeira coisa que chamou atenção foi uma foto em preto e branco, acima e à direita, de um rapaz jovem, com não mais do que vinte anos. Em seguida, mirei uma espécie de brasão logo acima, ao centro e, embaixo, a expressão "Regno d'Italia". Só então dei atenção às palavras ali inscritas: "NOME": Vincenzo Bellizzini. "DATA DI NASCITA": "10 ottobre 1925". "FUNZIONE": "Soldato dell'Esercito Italiano". Não consegui continuar a leitura. Levantei a cabeça e meu avô me olhava com ternura.

Prazer, Dante. Eu sou Vincenzo. Naquele dia, alguns soldados da FEB salvaram a minha vida, quando poderiam tê-la tirado.

Pois é isso! Ainda estaremos vivos amanhã.

Carta para a pantera dos olhos dormentes

Cupertino Freitas

Nunca gostei de procrastinar. Tão logo eu soube da chacina que matou João Dantas na Casa de Detenção do Recife, apenas três dias após a revolução ser deflagrada, comecei a escrever para Anayde, escondida de meu marido. Sendo quem era, ele não entenderia a solidariedade que eu queria prestar a uma mulher que acabava de perder o grande amor da sua vida.

Vivíamos dias muito turbulentos. A revolução apontava para um caminho sem volta, e Hipólito estava com os nervos à flor da pele. Temia pelo fato de ser primo em segundo grau de um presidente prestes a ser deposto e achava que viriam atrás dele mais cedo ou mais tarde. Eu não queria lhe trazer mais preocupações. Muito nervosa, acabei rasgando a carta, com receio de que ele descobrisse que eu estava tentando manter contato com uma amiga que havia escandalizado a sociedade paraibana e estava sendo achincalhada por toda a nação.

Convencido de que Washington Luís cairia em questão de dias, talvez semanas, Hipólito não aguentou a pressão e resolveu

covardemente se retirar para a chácara de uns amigos nossos em Petrópolis, deixando-me sozinha com as crianças na capital. Finalmente, em 15 de outubro, comecei a redigir uma nova carta para Anayde na escrivaninha que ele, com suas esquisitices, nunca me deixou usar. Quando trouxe o móvel de jacarandá para nossa casa, Hipólito avisou que ele tinha valor histórico e iria deixá-lo na biblioteca apenas para ornar. Queria mostrar aos clientes endinheirados que possuíamos uma relíquia do Primeiro Império.

Imagine, uma escrivaninha servindo apenas como objeto de decoração? Ignorei a ordem absurda e, sempre que ele não estava por perto, nela escrevia cartas para meus pais, irmãos e amigos na Paraíba.

A pergunta que fiz no começo da missiva para a minha amiga dileta – como tu estás? – era assaz tola e inapropriada. Eu sabia que Anayde estava vivendo uma tragédia, isolada de todos, com o nome envolvido em um escândalo nacional e, o que era pior, sem ter mais esperança de rever o amado. Devia estar sendo muito difícil suportar a morte de Dantas. Eu não suportaria, confesso. Não se amasse tanto uma pessoa assim como ela o amou.

Apesar de eu não estar acompanhando tão de perto tudo o que se passava na Paraíba, eu já sabia que a atitude de Dantas ao assassinar o homem mais poderoso do estado, candidato a vice-presidente do Brasil, não podia ser atribuída apenas às cizânias entre os dois. Eram adversários políticos ferrenhos, sim, mas o ato insano que cometeu foi mesmo para lavar a honra, diante da decisão autoritária de João Pessoa, que tinha mandado invadir seu escritório e se apoderado de cartas íntimas e poemas que Anayde havia lhe escrito. Há quem diga que a invasão não ocorreu a mando de João Pessoa. Como não? Que outro indivíduo teria interesse em destruir João Dantas? E agora, no fim de tudo, estavam os dois mortos, e Anayde só e marginalizada.

Uma vez eu ouvi Hipólito comentar com um cliente que o havia contratado para construir uma fábrica de tecidos na Mooca, em São Paulo: "Anayde Beiriz é o pivô dessa revolução. O país está mudando para as mãos desses aventureiros oposicionistas neste ano da graça de 1930 por conta de segredos de alcova revelados de maneira infame". Disse ele que os tiros que Dantas disparou contra Pessoa foram usados pelos aliancistas para alavancar sua plataforma de levar Getúlio ao poder a qualquer custo.

Eu temia que o ciclo de mortes ligadas ao assassinato de João Pessoa não tivesse findado. Temia pela vida de minha amiga. Aconselhei-a a tomar cuidado e observar bem o que lhe era servido. Pedi para que deixasse outras pessoas experimentarem os pratos antes que os comesse. Era tão fácil se livrarem de Anayde e reportarem sua morte como suicídio... Assim como fizeram antes com a amante de Washington Luís. Pobre Elvira, nunca acreditei na versão oficial da polícia.

Quem poderia imaginar que o romance entre uma professora e um advogado paraibanos acabasse tendo tanta importância para os destinos do país? Conheci João Dantas anos antes de ele começar o relacionamento com Anayde, no casamento de amigos em comum numa fazenda em Campina Grande. Não o achei bonito, mas me encantei por sua personalidade carismática, por isso não me surpreendi quando Anayde me disse que estavam juntos. Percebi, pelas poucas linhas que ela escreveu dando detalhes de seu relacionamento, que havia entre os dois uma cumplicidade e uma paixão que só se vê nos livros.

Depois de dar meus pêsames, escrevendo de maneira sóbria, mas profunda, comentei sobre minha indignação com a mudança do nome da capital do nosso estado para João Pessoa. Como paraibana, acho que isso aconteceu num momento inoportuno. Fiquei incomodada ao saber que o lugar que cresci chamando

de Parahyba havia mudado de nome para homenagear alguém que não foi, nem de longe, uma unanimidade. Isso ainda me incomoda, mais de um ano depois do fato. Dia desses eu li um artigo exaltando a contribuição de João Pessoa para a política nordestina e alegando que combateu as oligarquias. Ora, não veio ele mesmo de uma família de oligarcas, sendo, inclusive, sobrinho de um ex-presidente da república? Enfim, creio que os paraibanos foram levados pela comoção e não se opuseram à mudança do nome da nossa cidade, mas um dia vão se arrepender da tolice que fizeram.

Continuei a carta falando das saudades dos nossos tempos de Escola Normal. Foram anos maravilhosos. Anayde era a mais aplicada da sala. Era espirituosa, preocupada com todos, e já se declarava a favor da liberdade e da autonomia feminina. Eu a admirava pela sua coragem de opinar, pela maneira com que tecia argumentos e não se calava diante das nossas professoras. Quando se formou e foi alfabetizar pescadores em Cabedelo, fiquei tentada a fazer o mesmo. Mas meus pais, donos de engenho de mentalidade conservadora, não simpatizavam com a ideia da filha tendo contato diário com gente rude. E eu, sempre muito obediente, deixei passar uma oportunidade de fazer algo de valor nessa vida. Depois casei e passei a obedecer a meu marido cegamente. Quer dizer, quase cegamente, pois nunca deixei de redigir minhas cartas na escrivaninha que ele acredita piamente ter pertencido a alguém deveras importante no passado.

Enquanto eu me enchia de filhos e permanecia trancada a maior parte do tempo em casa, cuidando das crianças, engordando, usando vestidinhos caseiros, alijada das interações sociais que o Rio de Janeiro poderia me oferecer, Anayde saía às ruas sozinha no Nordeste, sem qualquer preocupação com marido e filhos, escrevendo, debatendo, convivendo com intelectuais,

completamente dona de si, com atitudes consideradas masculinas, sem, no entanto, deixar de ser feminina. Pois não ganhou até concurso de beleza, com aquele seu olhar sereno, que lhe valeu o apelido de pantera dos olhos dormentes? Para os que têm a mente parada no tempo, para os que pensam que mulheres não podem ter direito a nada nesse mundo, pessoas como Anayde vão ser sempre uma constante ameaça. Para pessoas como eu, que têm vontade de tomar uma posição mais firme, mas que são frágeis e têm medo de enfrentar os obstáculos e se expor, ela foi e é uma inspiração.

Na última carta que me escreveu, Anayde havia me falado de Alzira Soriano de Souza, uma fazendeira que se elegeu em 1928, pela cidade de Lajes, no Rio Grande do Norte. Ela não pode exercer o mandato, pois o Senado anulou os votos de todas as mulheres. Absurdos como esse não irão mais acontecer, se Deus quiser, muito em breve, ela me disse. Eu aproveitei minha correspondência e, para animá-la, sugeri que, depois que seu infortúnio cessasse, ela mesma poderia se candidatar a deputada. Argumentei que havia muita gente na Paraíba que não a via com bons olhos, por ser uma mulher livre e intelectual, mas haviam muitas paraibanas que ansiavam por liberdade e queriam ter o direito de desfrutar mais a vida, assim como ela. E teria o apoio de alguns paraibanos, por certo, pois há, sim, homens que não são antiquados. Eu tenho alguns primos que têm a mente arejada. Pessoas assim, afeitas a novas ideias, iriam votar nela com certeza. E a sociedade de maioria retrógrada iria aos poucos se acostumar aos novos tempos. Até brinquei, imaginando o dia em que teríamos uma mulher presidente do Brasil. Não creio que devaneei em meu prognóstico. Pois não fomos um dia colônia de Portugal, depois vice-reinado, nos tornamos um país independente? Somos um povo em constante evolução. Por que não podemos ter, um dia, um cidadão pobre, um negro ou uma mulher presidente?

Particularmente, eu não simpatizo muito com Getúlio. Acho que devido ao parentesco de meu marido com Washington Luís, mas dizem que, em breve, ele vai permitir que as mulheres votem. Tive a felicidade de conseguir o endereço de Bertha Lutz com uma amiga. Bertha está envolvida na articulação pelo direito de voto das mulheres, uma militância de valor inestimável. Enviei-lhe bilhete falando de minha gratidão por sua luta. Gentilíssima, ela me respondeu, e me garantiu que todas essas restrições tolas ao voto feminino irão desaparecer, já no ano que vem. O voto será assegurado a todas nós, sem que haja necessidade da autorização dos nossos maridos.

Além de contar de minha correspondência alvissareira com Bertha, tratei de mais um assunto político na minha carta para Anayde. Disse que tinha dó de nosso ex-presidente. Lembro que em 1925, quando noivei, Hipólito me disse que era primo em segundo grau de Washington Luís e que, caso ele viesse a ser o novo presidente da República, nossa vida iria mudar, pois ele, como engenheiro, iria ajudar o primo a construir estradas por esse Brasil afora. Ele ficou radiante quando Washington Luís assumiu a presidência. Foi até visitá-lo. Eu não fui porque estava amamentando meu primogênito. Segundo Hipólito, o primo era um homem sensato e governou o país com tranquilidade até a crise mexer com os ânimos dos oligarcas. Eu o cumprimentei uma única vez, e de certa forma senti que era uma boa pessoa. Mas como saber ao certo o que se passa no coração de nossos governantes?

Estava com a carta praticamente pronta quando, um após um, meus meninos adoeceram e eu tive que me dedicar à sua recuperação. Foi uma semana de angústia em casa e no país, com novidades chegando aos meus ouvidos diuturnamente. Hipólito, no entanto, não me mandava notícias. No dia 22 de outubro de

manhã, logo depois do café, finalmente tive a oportunidade de terminar a carta para Anayde. Logo a seguir recebi um bilhete de meu marido. Era um ultimato: eu deveria pegar as crianças e ir para Petrópolis imediatamente! Saímos de casa às pressas. No dia 24, os ministros militares depuseram Washington Luís, três semanas antes da conclusão de seu mandato. Getúlio Vargas assumiu a presidência dias depois. Passamos o resto do ano escondidos na chácara, sem contato algum com o mundo exterior.

Ante minha disposição de voltar para o Rio de Janeiro sozinha com as crianças, Hipólito finalmente criou coragem e resolveu enfrentar a realidade de ser ligado ao presidente deposto pelo golpe. Retornamos para nossa casa no Flamengo depois do réveillon. A carta para Anayde nunca foi enviada. E agora não havia mais motivo para tal, ela estava morta.

O suicídio de Anayde mexeu com meus brios, me fez perceber o quão covarde tenho sido esses anos todos. Não mais. Termino de escrever esse desabafo sentada à escrivaninha que Hipólito enxerga só como relíquia. Ele acabou de me ver sentada. Antes que ralhasse comigo, avisei: "Novos tempos, novas regras. A escrivaninha passa a ser usada às claras a partir de hoje".

O vestido

Angela Vasconcelos

Muitos anos antes, quando ouvia a avó falar no vestido, Beatriz não imaginava que um dia o usaria. Agora, a situação não poderia ser mais oportuna. Levou o vestido para a lavanderia, encheu a funcionária de recomendações e naquela semana dedicou muitas horas aos ensaios.

O vestido era uma espécie de relíquia, um objeto precioso que herdou da avó como memória viva daquele evento que marcou a sua vida. Amália era uma jovem de vinte e dois anos quando participou do evento que trouxe novos ares para a provinciana São Paulo: a semana de Arte Moderna mudou a estética e a linguagem artística da época. Para Amália, mais do que isso, foi um tipo de epifania: a atmosfera de futurismo aos seus olhos, o espanto de cores e formas inéditas, uma sonoridade toda nova, a poesia transfigurada.

De toda a família, Beatriz foi a única a ser capturada pelo encantamento da avó toda vez que ela falava sobre o assunto. Nem as filhas nem os filhos, tampouco as outras netas e netos, que só

ouviam as histórias por educação e com enfado. Para Beatriz, o amor pela avó e o gosto que apreendeu pelas artes eram quase uma coisa só. Envolvida nesse laço, ainda menina aprendeu a identificar as obras de Di Cavalcanti, Vitor Brecheret e Anita Malfatti que foram apresentadas no saguão do Teatro Municipal na famosa semana. Falava de Manuel Bandeira, Ronald Carvalho, Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Guiomar Novaes e Villa-Lobos como se fossem velhos conhecidos da família. E quando pequena adorava, em especial, as pilhérias em torno do evento: vovó, conta a história do Villa-Lobos com um pé no chinelo e outro no sapato; vó, como é mesmo a história que o Oswald de Andrade pagou estudantes para jogarem tomates nele? E riam as duas, como se houvessem partilhado aquele momento.

Amália brincava que seu destino foi traçado por revoluções culturais, visto que nasceu no mesmo ano em que Freud publicou *A interpretação dos sonhos*, obra que inaugurou a psicanálise. E na semana em que ficou noiva, autorizada a circular mais livremente na companhia do noivo, viu o modernismo brasileiro materializado ali na sua frente. Mas a sorte de Amália aparecera antes na família em que nasceu. Seu pai havia prosperado cedo na cultura do café e suas constantes viagens à Europa fizeram dele um homem de mente aberta para o futuro, o que influenciou tanto nos negócios quanto na educação dos filhos, todos criados no meio das artes e falando francês fluente. Assim, foi um dos primeiros barões a manifestar tendências liberais. E graças a seu interesse cultural, o mecenas Paulo Prado encontrou nele um importante parceiro para patrocinar a Semana de Arte Moderna.

Esse fato, narrado pela avó, Beatriz confirmou nas aulas de literatura do colégio, de que a Semana de Arte Moderna foi um evento da elite paulistana financiado pelos cafeicultores. Aliás, das heranças que recebeu da avó, Beatriz se orgulhava de todas,

mas sentiu desgosto ao descobrir todos os outros significados da chamada oligarquia do café.

Quando Beatriz nasceu, a família materna já não gozava de boa vida. As sucessivas crises econômicas ao longo de décadas e o avanço do processo de industrialização do país não permitiram, por exemplo, que ela e os primos de sua geração usufruíssem da fazenda da família por mais de dez anos. E nem mesmo da venda da fazenda puderam usufruir, pois àquela altura a propriedade foi vendida a industriais estrangeiros por uma ninharia. Mas se para a família de Beatriz mingou o esplendor das condições financeiras, não faltou uma educação clássica: aulas de piano, balé e línguas foram parte importante da sua formação.

Na juventude, isso que para Beatriz era uma espécie de regalia, provocava sentimentos ambivalentes sobre o lugar de onde veio e o lugar em que passou a desbravar. Sabia que parte da sua cultura e educação era consequência de sua origem familiar, mesmo quando as rendas já estavam reduzidas. Mas o movimento estudantil na universidade evidenciou um incômodo: se nem sempre se sentia adequada entre os amigos de seus pais, tampouco se sentia à vontade reivindicando direitos que nunca lhe faltaram. Nisso invejava a avó, que usufruiu sem culpa dos privilégios que a vida abastada lhe oferecera.

Para Amália, o maior deles era ter frequentado os mesmos ambientes dos bárbaros e futuristas, ter desfrutado da companhia de artistas e intelectuais da sua geração e ter adquirido obras de arte do seu tempo. Era como se antecipasse o porvir, que lhe interessava tanto. Se guardava objetos que pertenceram ao passado, como os ingressos da Semana, o vestido e obras de arte, é porque neles estava grafada uma marca de futuro. Não lhe interessava uma memória presa ao antigo, mas somente aquilo que, mesmo na lembrança, lhe encaminhasse ao presente, ao futuro.

Contava entre risadas um episódio que o pai viveu e que o marcou com cólera e desonra. Quando Paulo Prado argumentou quão oportuna seria uma semana de arte moderna naquele ano em que se comemorava o centenário da independência, o potencial patrocinador lembrou que tinha guardado um rascunho do manifesto pela independência do Brasil. Não o encontrou em todo o gabinete e, tomado de vergonha e surpresa, se exasperou com os empregados, os filhos menores, a esposa.

Amália ria com desapreço porque não via sentido em guardar um objeto que só tinha valor retroativo. Se tinha algo que a interessava, era a promessa de que aquilo que ainda não fora percebido, um valor que não se tornara reconhecido, um dia seria. Percebeu com clareza que foi o anúncio de futuro que os modernistas trouxeram que impossibilitou o reconhecimento de parte da crítica da época. *A novidade sempre entorpece um pouco*, ela dizia, e apostava que, se aquele momento não teve o devido valor no seu tempo, viraria preciosidade.

O futuro confirmou o prognóstico de Amália, mas em acréscimo lhe veio o desgosto. Com a decadência dos negócios, além de perder o marido por um infarto precoce, precisou se privar de algumas de suas obras de arte. Apesar da insistência do *marchand*, contudo, reteve duas telas de Anita Malfatti, uma escultura de Brecheret e uma gravura de Portinari. Foram essas as obras que encheram os olhos de Beatriz e que fizeram dela ao mesmo tempo cúmplice e guardiã da vida da avó. Tanto os quadros quanto o vestido.

A história do vestido era contada por Amália em duas partes. A primeira dizia que ela soube que um antiquário estava vendendo objetos que pertenceram a artistas da Semana de 22 e ao chegar lá se deparou com um vestido atribuído a Anita Malfatti. Só Beatriz soube, anos depois, o quanto a avó pagou pela peça. A

outra parte da história era de que Anita o teria usado na noite de estreia no Municipal. Nunca se soube se esse dado foi artimanha da vendedora ou desejo de Amália, mas jamais alguém questionou a origem do vestido. Principalmente Beatriz, quando o entregou com cuidado na lavanderia.

O convite para tocar no recital foi do curso de artes visuais. Os organizadores sabiam que a professora Beatriz tocava piano. Só não imaginavam que ela tinha uma relação peculiar com aquele evento que agora era comemorado pelos seus oitenta anos. Quando a avó morreu, Beatriz ainda não tinha entrado na universidade, mas a escolha por História e, depois, por pesquisa em memória social, teve um tanto da influência de Amália.

Naquela noite, envolvida pelo vestido, Beatriz se sentiu coberta também de relatos, de memórias, de afetos. Ao preparar-se para subir ao palco, pensou na ousadia de Anita Malfatti e no arrebatamento de Amália. Tocou duas peças de Villa-Lobos. Era 2002. Naquele ano, o país vivia o anúncio de um novo tempo. Beatriz harmonizou a promessa do passado e a expectativa do futuro num mesmo tom.

A bandeirinha e a espingarda

Stênio Gardel

Era meu menino, era só um menino que estava lá, com uma bandeirinha feita de papel e palito. Não era nenhuma arma, ele não iria ferir ninguém, como poderia? Não poderia nem se defender. Era só um menino, meu Isaac. O outro era um homem, do alto de seu posto da cavalaria, do alto da coronha de sua espingarda apoiada no ombro, a mira no menino, a mente em gatilho. Eu não ouvia mais os tiros, os gritos das pessoas que fugiam ou caíam e eram pisadas por homens e cavalos. Os movimentos do mundo viraram pinceladas grosseiras, borradas, em volta daquela imagem que ficaria na minha memória para sempre, sempre nítida e vermelha, se acontecesse, se aquele policial atirasse contra meu filho.

É só um menino, segurando uma bandeirola branca de papel. As duas mãos perto do peito, como se tivesse medo de perdê-la ou achasse que ela poderia proteger o peito do tiro da minha espingarda. O tiro que mancharia sua camisa de linho branca, passada por dentro da bermuda branca que vai até os joelhos, seus

sapatos também são brancos. Terei eu coragem de colocá-lo em um pequeno caixão branco?

Não foi assim na passeata da semana passada, das mulheres. Eu estava lá, não houve esse alvoroço, e da nossa parte não iria ter, porque não tínhamos como fazer guerra com cartazes e bandeiras, mas parece que o presidente do estado enxerga o que quer enxergar, e viu ameaça, afronta ao seu reinado. Ele constrói pontes para valorizar as próprias terras, garante assento na política para seus filhos e agregados, mas não se apieda dos famintos da seca. Não se importou com a varíola, quis foi parar quem combatia a doença que matou meu esposo e vinha derrubado gente como mosca.

A ação virou um desastre, mas não se podia esperar mais que desastre. Eu pensei nisso enquanto ouvia as ordens do presidente para tomar a Praça do Ferreira antes das crianças e do povo que as acompanhava. Dispersar. Se fosse preciso, manchar as pedras da rua com o sangue dos arruaceiros, ninguém iria fazer celeuma pela morte de três ou quatro cabrinhas. Crianças hoje, na caminhada anterior, mulheres, da Liga, unidas por um Ceará livre. Libertinas, expondo nas ruas os trapos manchados de suas casas. Esta nova reunião retesou as sobrancelhas grisalhas do presidente. Poderia ser só a segunda depois da primeira, mas poderia ser só a segunda antes da terceira e da quarta, e se não fizesse nada, quando desse por si, o palácio não seria mais seu, as ruas não seriam mais suas, as urnas não seriam mais suas e o Ceará não seria mais seu.

Moscas pousam nas fezes do gado, voam em volta do rabo de uma rês. Um bando de moscas e um rebanho de ruminantes obedientes, assim nos têm, e se acham mesmo donos, pelo medo, pela vantagem. Os coronéis que ele protege, protegem os votos dele. Uma mão oferece um prato farinha com uns fiapos de carne seca aos eleitores, a outra, no cabo da peixeira. E o Presidente

da República não se mete, se o Babaquara garante os resultados, conforme os ventos lá de baixo, dos cafezais paulistas ou dos pastos mineiros. Segue o jogo de cabeças marcadas, e a gente que se opõe, ferrada a fogo.

Estou aqui para isto, para assegurar a ordem pública por meio da ordem do Presidente do Ceará, é isso que sustenta minha mira. Estou aqui como homem, cearense, que poderia ser o pai deste menino, é isso que retém meu dedo no guarda-mato. O menino faz girar o palito, a bandeira gira da direita para a esquerda. Ele olha da direita para a esquerda, à procura de alguém no meio do enxame em que se tornou a passeata. Não encontra ninguém e volta a olhar somente para mim, mas não nos olhos, ele olha para o cano da espingarda. Deve imaginar o que sairia dele. Isso ele tinha acabado de ver ao redor. A fumaça que sai como rastro de algo que saiu antes, tão rápido que ele não conseguia ver o que era, mas sabia que era bala e sabia que o que a bala fazia era derrubar para não mais levantar. E, então, sou obrigado a baixar um pouco minha mira.

A morte pediu a benção e meu menino se ajoelhou. Ele não me viu, mas estava indo, Isaac. A única mão digna do teu beijo carinhoso era a minha, você que me dava a benção todos os dias. Eu soltei a tua mão. Muitos amigos caídos estenderam as mãos a mim e eu os ajudei a ficar de pé. Eu olhava para trás e você estava lá, meu filho, mas muitos outros caíam e eu vim ao encontro deles, e a multidão se alargou entre nós dois. Percebi que não estava me seguindo, fiz o caminho de volta, procurando entre os corpos de pé e entre os corpos deitados.

O que me espera depois desse tiro? Essa passeata e esse povo não vão derrubar o Babaquara, ele nunca sairá da cabeceira da mesa, nem ele nem ninguém que ele não queira. Desde menino que eu sonhava em ser da cavalaria. Encouraçar-me neste

uniforme, cavalgar elegante, tropel da lei. Sem tropeços, agora que estou aqui. Eu atiro e cumprirei meu dever, serei muito bem quisto, vou fazer parte do grupo que o ajudou a permanecer no palácio, que fez barricada com o próprio corpo para resguardar o corpo dele. Talvez ofereça um bom cargo público para alguém de minha família ou nos dê um pedaço de terra para as bandas da Messejana, com uns sertanejos fugidos do interior em quem eu possa mandar, a mando dele. Talvez me dê pelo menos uma medalha, bem moldada e brilhosa, diferente dessa medalha fajuta que o menino carrega no pescoço.

De pé, permanecia Odele. Ela ficava e fincava ao seu lado a bandeira da Liga, que flanava não apenas pelo vento, mas pelo rajar das balas que lhe furavam a arte, Ceará Livre. Nós mesmas a inscrevemos numa toalha de mesa da casa dela, enquanto lembrávamos os nomes de outras mulheres que ainda não estavam entre nós. Chamá-las para abrir as portas de suas casas e sair conosco às ruas, ela dizia, para mostrar cara e os cabelos compridos, ladear nossos passos aos passos dos homens que marcham por todo o povo. Marcham, lutam e atiram para nos defender da força repressora que o Babaquara descarregou em cima de nossas crianças. Isaac estava tão animado, falou que iria encontrar os amigos. Eu engomei seu conjuntinho de linho branco, e antes de mim ele se pôs à porta, apontando a bandeirinha para fora, disse que já tinha um monte de gente na rua, que só faltava nós dois.

O que me espera se eu não puxar o gatilho? Vou ter em volta do pescoço o peso da covardia e da desobediência. Era o que teria a mostrar. Então, nada de agrados e proteção, e como o nosso lado sairá vencedor, eu seria um pária, dono somente da vergonha que recolheria os olhos da minha família ao chão. Pior que isso, eu seria um criminoso. Não sou criminoso, se tem algum criminoso

aqui, são eles, mesmo o menino de joelhos com uma bandeirinha branca nas mãos.

Mas a passeata não precisava de nós dois, meu filho. Eu que precisava te colocar nos braços, não, nos braços não, às minhas costas, precisava ficar entre você e aquela arma, mas não sabia se chegaria a tempo. Pedia seu perdão, meu menino. Você não deveria estar lá para ver seu futuro queimar no tiro de uma espingarda. Não era justo, não era justo que fosse exatamente você quem perdesse tudo, não era justo.

O senhor viu a minha mãe? Ela se chama Isabel. Não consigo achar ela. Eu estava segurando a mão dela quando todo mundo começou a correr e a gritar e a cair do nosso lado, mas ela andava mais rápido que eu, querendo me tirar ligeiro daqui e querendo ajudar a mãe da Cecília, que tava no chão com o braço coberto de sangue, e a Cecília chorando perto dela. Eu segui elas três, minha mãe de vez em quando olhava para trás para ver que eu ainda estava perto dela, mas apareceu mais pessoas, correndo rápido também, e de repente tinha um monte de gente entre eu e minha mãe. Não consegui mais ver o vestido branco que era dela, tinha outros vestidos brancos, mas não via o dela, e acho que quando ela olhou para trás de novo ela não me viu também. Fiquei procurando, parei quando o senhor parou com o cavalo na minha frente. O senhor vai atirar em mim? Espingarda pode atirar em menino e menina? Não é só gente grande que ela mata? Eu nunca soube de um menino que morreu, só pai, avô, avó. Não atira, senhor, eu não vou fugir. Fico aqui. Vi umas pessoas se ajoelhando, fico aqui e me ajoelho também, tá bom? Esperando minha mãe. Não atira, não sou gente grande ainda, mas quero ser. Quero nadar até mais fundo na praia, quero ler uns livros dessa altura que tem na escola, quero andar de cavalo como o senhor,

quero ficar grande igual meu pai era quando ele morreu, mas se o senhor atirar em mim agora...

Vamos, cabrinha, levanta para cair de novo, aproveito o cano quente da espingarda. Eu não poderia cair por uma causa tão pequena, um bezerro desgarrado. Nem o presidente vai cair, porque vocês são todos pequenos.

Era só meu menino, só meu Isaac, era meu filho. Pararam os tiros, fugiram os defensores da lei, depois de assassinarem uma criança. Têm medo dos corpos de crianças, covardes, animais covardes, que abaixam a cabeça para as ordens de um presidente babaquara. Têm visão igual a de seus cavalos, têm cabrestos iguais aos de seus cavalos. Na bandeira, trouxe o corpo dele na bandeira até a casa de Odele. As pessoas nos assistiam caladas. A passeata reduzida ao cortejo de uma mãe com um filho morto nos braços. Quando a porta se fechou, mais tiros, para o alto, acredito, e brados de luta. A revolta estava para começar. Na cadeira de espaldar alto e vazado que usamos para escrever convocações às nossas amigas, seguro meu filho no colo, e aguardo, sem saber exatamente o quê. O corpo pequeno sangra, a bandeira sangra, eu sangro por teu sangue em minhas mãos, Isaac. Amanhã, enterrarei meu filho e depois sigo para o front. Nem moscas, nem gado. Em volta do palácio do seu governo, esse presidente vai enfrentar leões e leoas.

O Barão

Ana May Brasil

A jovem Elizabeth Hudson mal casara quando perdeu o marido em um acidente. Agora precisava arranjar trabalho, pois sem o esposo não tinha condições de manter-se na capital francesa. Seus dotes abrangiam principalmente o âmbito doméstico, embora falasse bem o inglês, sua língua pátria, e o francês. Como não tinha filhos e possuía boas referências, não foi difícil arranjar colocação. Uma tia de seu falecido marido, que era preceptora há anos de uma família sul-americana, indicou-a para uma jovem belga que ia ter seu primeiro filho em Paris. Sua patroa, Marie Philomène Stevens, acabara de chegar do Brasil e era mulher de José Maria da Silva Paranhos Júnior, importante membro do mundo político brasileiro.

A vida com Marie e sua família começou em 1873. Foi contratada como simples serviçal, mas tornou-se imprescindível na educação dos filhos do casal e na administração do lar. Além disso, Marie confidenciava a ela seu sofrimento por ter sido, praticamente, escorraçada do Brasil pelo pai do Senhor Paranhos, e também por este não a assumir legalmente como esposa.

Desde o início como governanta dos Paranhos, em Paris, Elizabeth sabia que seu patrão viajava demais e, às vezes, para muito longe, pois exercia funções diplomáticas de grande importância para seu país. Dessa forma, a parceria entre Marie e Beth estava sempre se consolidando e, ao mesmo tempo, dando um sentido especial à vida desta última, que guardava uma admiração profunda pelo patrão.

Nunca esqueceria o dia, no ano de 1876, em que Marie soubera da nomeação do Senhor Paranhos para Cônsul-Geral do Brasil em Liverpool. Ambas ficaram felicíssimas porque Marie teria seu terceiro filho em Paris, onde ele decidiu que a família permaneceria, embora tivesse que trabalhar em Liverpool. Afinal, as cidades não eram tão distantes uma da outra, o que lhe ensejaria dar uma assistência considerável à família.

Outra ocasião marcante para Elizabeth fora a festa, que ajudou a providenciar, com a família, o casal, seus cinco filhos, e mais os amigos brasileiros Joaquim Nabuco, Rodolfo Dantas e Eduardo Prado. Tratava-se da comemoração da assinatura da Lei Áurea no Brasil. Beth teve dificuldade em entender a necessidade dessa lei, mas não faltaram professores pacientes e capazes para esclarecê-la.

Naquele mesmo ano, outro dia significativo que Beth viveu com a família Paranhos foi aquele em que se teve certeza do recebimento do título de Barão do Rio Branco pelo Senhor Paranhos. Esse título possuía um significado especial para uma súdita inglesa que, cada vez mais, se impressionava com o patrão. Já como Barão, o Senhor Paranhos casou-se oficialmente com Marie, o que deixou Elizabeth com sentimentos contraditórios. Ficou feliz pela patroa, mas foi tomada por uma estranha sensação de perda.

Devido a intimidade que desfrutava com Marie, Elizabeth possuía conhecimento das muitas atividades do Barão em proveito

do Brasil, motivo pelo qual recebera a grande comenda. Pena é que tais atividades o obrigassem a prolongados afastamentos do seio familiar. Na verdade, ela também sentia falta da presença daquele homem tão fidalgo e garboso.

Uma vez, quando Marie Hortense, a última filha do casal Paranhos, tinha sete anos, Beth foi inquirida por ela sobre a ausência de seu pai em duas comemorações seguidas do seu aniversário. A garota sentia falta da figura paterna e não se conformava com os esclarecimentos da mãe sobre a necessidade de o pai permanecer distante da família. Isso aconteceu quando o Barão do Rio Branco morou dois anos nos Estados Unidos trabalhando no convencimento do presidente Grover Cleveland, árbitro na contenda entre Brasil e Argentina sobre a região de Palmas. Bom foi comemorar mais essa vitória quando, no início de 1895, o laudo de Cleveland assegurou ao Brasil boa parte do território dos Estados de Santa Catarina e Paraná. Todavia, ainda neste ano, a família abalou-se com o estado doentio de Marie. Sua enfermidade manteve o Barão em Paris por três anos, até sua morte, em 1898.

Sem sua patroa e amiga, Elizabeth sentiu-se perdida e cogitou partir. Hortense, que então tinha treze anos, não admitia separar-se dela, e o Barão chamou-a para uma longa confabulação em seu gabinete. Beth surpreendeu-se com a solicitude e a delicadeza dele, chegando a segurar-lhe as mãos, ao explicitar a importância dela junto aos seus filhos e a ele próprio. Após essa conversa convenceu-se de que seu lugar era ali e abriu mão de encetar uma nova vida, quiçá um amor devidamente correspondido.

No início de 1899 o Barão do Rio Branco teve que se mudar para Berna, pois o governo suíço fora escolhido para arbitrar a querela entre o Brasil e a Guiana Francesa, envolvendo o estado do Amapá. Agora na qualidade de Ministro Plenipotenciário do Brasil, foi encarregado de resolver a desavença diplomática e, mais uma vez, obteve êxito.

A importância de seu pai para o país deixava a jovem Hortense dividida. Por um lado, já começava a entender muito dos estudos que ele costumava explicar-lhe e isso a deixava muito feliz e orgulhosa. Por outro olhar, sentia falta da presença paterna. O Barão estava sempre viajando e quando permanecia mais tempo em casa, sua presença no dia-a-dia familiar era diminuta. Passava a maior parte do tempo, trancado em seu escritório, debruçado sobre sua querida escrivaninha Dom José, que fora herdada de seu pai, o Visconde do Rio Branco.

Beth tinha plena consciência da importância da família para a qual trabalhava e chegava a ufanar-se disso. Tinha uma preferência clara por Hortense que, aos seus olhos, tinha tudo para ser a sucessora do pai e avô na atuação em favor do Brasil. Acreditando nisso, procurava incentivar os estudos da jovem, inclusive permitindo que ela tivesse por hábito sentar-se à escrivaninha do Barão quando este não estava em casa.

Usando o local de trabalho do pai e tendo acesso a todas as suas anotações, Marie Hortense não perdia oportunidade de conversar com ele sobre as questões nas quais defendia os negócios de seu país. O Barão admirava a inteligência e precocidade da filha, com quem mantinha longos diálogos.

Uma conversa significativa entre o Barão e sua filha, presenciada por Beth, deu-se logo após este ter assumido o Ministério das Relações Exteriores. Foi no início do governo do Presidente Rodrigues Alves, em 1902. Hortense tinha apenas dezessete anos, mas causou admiração ao pai quando lhe fez questionamentos que envolviam os interesses do Brasil na incorporação do Acre. Ela o ouvira discutindo com um diplomata da Bolívia e não entendeu o porquê de se mencionar os nordestinos, quando o motivo da contenda ficava na Região Norte do Brasil. A explicação era que o governo boliviano queria arrendar uma parte de seu território de

fronteira com o Brasil a um consórcio empresarial anglo-americano. Todavia, grande parte dessa terra era ocupada por migrantes nordestinos que acorreram à região atraídos pela exploração da borracha, produto que alcançava, à época, preços elevadíssimos no mercado internacional.

Foi exatamente por ter sido o maior responsável pela anexação do Acre ao território brasileiro, o que se consolidou com a assinatura do Tratado de Petrópolis, que a capital desse estado recebeu o nome de Rio Branco. Nesta data já fazia um ano que o Barão assumira o Ministério da Relações Exteriores, cargo que ocupou até sua morte, em 1912.

Após o falecimento de seu pai, Marie Hortense fixou residência na Bélgica, levando junto sua estimada Elizabeth que, depois da morte do Barão, nunca mais readquiriu sua anterior alegria.

Em 1945, Marie Hortense recebeu um convite do consulado brasileiro na Bélgica, para comparecer à inauguração do Instituto Rio Branco, no Rio de Janeiro. Tratava-se da comemoração do centenário de nascimento de seu pai e ele, considerado o patrono da diplomacia brasileira, teria seu nome dado à instituição de ensino superior que forma diplomatas de carreira no Brasil.

Impossibilitada de viajar para tão longe – acabara de curar-se de forte resfriado –, Hortense lembrou-se da ocasião em que seu pai fora impedido de tomar posse na Academia Brasileira de Letras, pelo mesmo motivo. Ele utilizou-se do dispositivo regimental que permitia a posse por correspondência. A ela cabia a tristeza de não comparecer ao tributo que se fazia a uma carreira brilhante da qual participara, querendo ou não.

O apelo para que participasse do centenário do pai levou Hortense a repensar muitos episódios vividos por sua família, principalmente o papel desempenhado por Elizabeth Hudson junto a ela. Trouxe à memória os últimos anos que passou dispensando-lhe

cuidados, em sua residência, após a morte do Barão tê-la deixado completamente desarvorada. Devagar, mas firmemente, Beth entregou-se ao peso dos anos e, antes de dar adeus à vida, despachou seu bom senso. Falava sozinha mencionando sentimentos nunca revelados, situações vividas por ela e pelo Barão que ninguém tinha tomado conhecimento. Hortense tinha grande paciência com ela, mas se perturbava ouvindo aquelas declarações, que continuava sem ter coragem de elucidar.

A mãe retorna

Dauana Vale

Seca em vida, aquela mulher só tinha olhos para sua barriga. Era um cuidado, um passado de mão, uma cantoria para o bebê que parecia a primeira gravidez. Ela jurava que seria menina. Zalika, era como se chamaria a criança e também a palavra que mais saía de sua boca.

Cantava muito. Mas, bem baixinho. Tudo para não chamar a atenção dos feitores. A última vez que se sentou para acarinhar o ventre e enxugar o suor na beira do açude, levou uma chicotada sem anúncio. E desde então, fazia seus serviços compulsivamente. Várias vezes urinou-se para não ser surpreendida na moita vigiada pelos cães bípedes guardiões da escravidão.

Mas, não havia açoite que chegasse perto do que de fato sentia Lyabo, arrancada dos seus bantus, família despedaçada da África, até o interior de São Paulo. Chegou grávida sem saber, na última leva de homens e mulheres comprados como mercadorias. Apartados dos seus pares. Para trás, um amado, dois meninos pequeninos, as fantasias de família e tudo o mais de que era

feita sua existência. Era comum ouvi-la conversando com os seus enquanto dormia. Em sonho era possível abraçar e trocar afeto com quem mais amava na vida.

Sem chão para pisar, Lyabo vivia das lembranças de um tempo roubado e do desejo de ter sua criança nos braços. O que lhe destinaram foi trabalho sem fim numa gigante fazenda cafeeira, resistente à crise que se alastrava entre os produtores de café do Vale do Paraíba. Quando já se tinha notícias até de abandono de terras e apodrecimento de café estocado, dois irmãos tocaram os interesses herdados do pai falecido e insistiram até onde conseguiram no negócio estagnado pela baixa das exportações, assim ouvia-se pelos largos corredores da casa grande.

Foi por lá que Lyabo soube da liberdade que teria sua criança. Um dia, por mando de uma das criadas, ela e mais quatro mulheres escravizadas subiram à casa para uma arrumação. Receberiam visitas de possíveis compradores da terra. Com escravos e com tudo, era o pacote mencionado. Entre portas, a notícia de que crianças nascidas de escravas seriam livres, incomodava os proprietários que temiam o fim da escravidão. E que confundiam o coração daquelas sem pátria gentil, o que adiantaria um filho livre se a mãe não pudesse estar com ele?

Naquele dia, as senhoras fizeram uma vistoria no que deveriam ou não levar consigo se caso partissem a qualquer momento. Estavam ansiosas para seguirem ao novo, ao contrário de seus maridos que não estavam realizados com a desonra ao nome do pai. Foi ordenado a Lyabo que esvaziasse as gavetas de uma bela penteadeira. Pediram-lhe que colocasse tudo em cima da cama para ser examinado com cautela, poderia haver algo importante ou relíquia familiar. A fazenda ainda não possuía comprador, mas pelas senhoras, Campos de São José já era passado.

Com atenção, cada objeto foi retirado do móvel. Uma das

senhoras pegou um papel enrolado com um fiapo de tecido e o desvendou próximo à janela do quarto sob uma fresta de sol matutino. Enquanto leu uma carta com riscos e rabiscos, a outra senhora comentava sobre a dificuldade que seria uma vida sem escravizados para os afazeres domésticos. Indagava sobre quem pentearia seus cabelos e lhe vestia as roupas. Falou que se conformava em saber que até morrer ainda teria esse privilégio, mas seus herdeiros provavelmente, não, já que os filhos nascidos de escravas iriam para longe, não lhes serviriam. Quem seriam os novos servos? Era com o que se preocupava a senhora.

Lyabo esforçou-se para compreender o que tanto falavam e ficou apavorada ao sentir a possibilidade de novamente ter um filho arrancado de si. Seu coração disparou como desejavam disparar seus pés. Sair dali para bem longe.

— Corre, rápido. Pega aquele papel! — ordenou a senhora apoiada na janela. — Vamos! Rápido! Não parece ser só um velho rascunho.

A única coisa que Lyabo quis ouvir foi: "corre"'. Desceu as escadas com a pressa dos fugitivos e ao chegar à sacada vistosa se deparou com uma chuva. Daquelas que em dez minutos despencam um temporal de inverno. Partiu em direção contrária ao tal rascunho importante. Enquanto a atenção de todos estava voltada para cobrir os grãos que quaravam, a de Lyabo seguiu para bem longe dali. Sequer lembrou dos cães. Nem dos perigos. Só correu, como nunca na vida. Até desabar no lamaçal próximo a uma cerca. Caiu em si. Não sabia para onde ir. O sol já aparecia novamente. Tudo às claras.

Fez que voltaria, mas entre apanhar até perder seu bebê e tentar salvá-lo, optou pela vida. Saltou a cerca, e, desde o sol no centro do céu até o sol se pôr, não parou de caminhar. Até sentir fortes dores. Precisou parar. No alto de uma colina. Sob a sombra

de um ypê. Aqueles sinais eram de Zalika. Chegava sua hora. E sua mãe estava pronta para recebê-la com as graças de seus Orixás.

Teve lua crescente. Céu estrelado. Gritos estancados com as mãos suadas. A dor de parir contornada pela saudade de casa e o gosto de fazer um carinho, coisa que não sentia há tantos meses. Sim, era mesmo Zalika, teve razão o tempo todo, esperava uma menina. Lyabo, ao ver a barriga crescer, pensava que a melhor parte de estar grávida era a certeza de não estar mais sozinha no mundo. Para ela, sua filha lhe trazia a alma de volta, que estava vagando desde o dia que foi embarcada naquele navio. Gente só é gente se com os outros.

Zalika mamava e de certa forma ainda estava dentro de sua mãe. Se o cordão lhe foi cortado aos dentes, o peito interligava-a ao melhor de Lyabo. Alimento e amor haviam sem medidas. Dalí para frente a preocupação seria para onde ir. Ou ainda, para onde não ir. Sem rota e sem destino, aquela mulher escravizada com um fio de esperança vivo, desceu a colina vagarosamente. Entrou pelos arbustos. Neblina. Os primeiros raios de sol para Zalika e também para a nova Lyabo.

Avistou um rio e chegou até ele para assear sua menina e matar a sede. Ouviu um barulho, mas não o identificou. Voltou aos arbustos. Acocorou-se por entre pedras, pôs a criança a mamar evocando silêncio. Vozes aproximaram-se. Agarrou-se e até prendeu a respiração para não ser percebida. Eram dois homens. Pela aparência, sujeitos que açoitavam gente a mando dos donos de terra. Transportavam algo em dois cavalos. Não foi possível ouvir o que falavam. Aos poucos, as vozes se distanciaram até calarem.

***

Em dois dias de esconde e aparece, Lyabo pouco se alimentou e temia faltar leite para Zalika por isso. Andou em busca de

algo além das folhas e raízes que ingeriu, e percebeu o que teria que fazer para saciar a fome. E de como seria o por vir. Resolveu seguir a trilha que avistava do lado do rio. Mas mesmo antes de chegar à margem foi surpreendida por uma dama que cavalgava por ali. Não deu tempo reagir e sua atitude foi a de abraçar firme sua Zalika.

— Ferrão ou Dias, mulata? — perguntou-lhe pulando do cavalo. — Anda, responda! De qual fazenda tu vens?

Lyabo não falou nada. A dama, então, perguntou se ela estava com fome e se aceitaria um prato de comida. Recebeu um sim como resposta. O que a fez montar no cavalo novamente. Pediu a Lyabo que a esperasse, pois voltaria logo. Foi o que fez. Em pouco tempo estava de volta com o prometido. Fez contornos montada no cavalo em busca da mulher que encontrara mais cedo. Deu água ao animal e em seguida, partiu, deixando um oásis em forma de comida para Lyabo, que correu para matar a fome, depois lavou a panela de ferro e deixou-a na mesma posição que encontrou.

Assim foram mais três dias seguidos. Até que Lyabo se apresentou à dama do cavalo. Disse seu nome e de onde vinha. Que precisava de um lugar para viver em paz com sua filha. Falou que era boa no café e de lavar roupas. Por comida e quietude no coração poderia trabalhar o quanto precisasse. Falou também que era saudável. A jovem dama de sorriso sutil lhe explicou que precisaria conversar com sua mãe para autorizar que ficasse na fazenda, mas que não era bom virar as costas para uma inocente criança.

Sugeriu que a acompanhasse. Foi o que Lyabo fez. Agarrada à cria e com esperanças renovadas, teve certeza de que a melhor coisa que tinha feito fora fugir de onde estava. Desde que chegou àquelas terras, era a primeira vez que conversava com uma branca e não se sentia ameaçada. Caminhou pelo pasto verde com outros

ypês, rosa e amarelo. A dama montada no suntuoso cavalo negro não dirigiu mais a palavra a Lyabo e a conduziu à senzala que naquela hora estava quase vazia.

Sinhá jovem deu ordem para que ficasse ali com a filha e que alguém lhe conduziria ao trabalho. Em poucos minutos, uma senhora a chamou e a levou até o paiol onde outras mulheres catavam os grãos de café. Com Zalika nos braços, pôs-se a repetir a tarefa das demais e em três semanas parecia adaptada à rotina que de nova não tinha nada, a não ser o frescor da presença de sua menina.

Lyabo às vezes pensava sobre a jovem que a levara até ali, nunca mais a tinha visto. Nem de longe. Perguntou sobre ela para uma velha que passou a ser a pessoa mais próxima, e soube que se tratava da sobrinha da viúva proprietária da fazenda. As duas mandavam ali desde que o único filho fora estudar no Rio de Janeiro. E que, realmente ela não era de aparecer, só quando a mando da madrinha, e vez ou outra era vista no cavalo negro pelas bandas do rio.

A liberdade de crianças filhas de escravizadas também era assunto de que se falava na senzala. Alguns pareciam bem aflitos sem saber qual seria o destino se a fazenda fosse vendida. Outros falavam que nada mudaria, apenas o dono. Mas, de todo, o clima era tenso para as mães que eram assombradas pelo fantasma da separação de seus filhos. Como Lyabo, muitas outras também amamentavam seus filhos e tinham sido separadas dos seus amores e crianças. Já era noite, os escravizados podiam respirar e soltar os cantos para elevar os espíritos. Havia sorrisos. Zalika ganhou um berço de capim revestido com trapos velhos lavados e quarados, entregues a ela pela velha senhora na manhã que tinha se passado. Lyabo ficou muito grata por tamanha gentileza.

Foi a primeira noite de Zalika fora do peito da mãe. Aconchegou-se no seu canto. E também foi a primeira noite que Lyabo

conseguiu dormir depois de tantos dias de incertezas e angústia. Até ser acordada por um choro infantil. Virou-se para pegar sua filha e caiu aos prantos ao perceber que ela não estava ao seu lado. Gritou e revirou a senzala. Bateu-se no chão de desespero. Outras pessoas a ajudaram a procurar. Em vão. Zalika não estava mais ali. E não houve palavras para descrever a dor de ter uma filha roubada.

Essa foi a história que ouvi da minha bisavó. Negra. Filha de escravizados. Apartada de sua mãe, de quem nunca soube o fim.

Pus, canhões e saudade

Cupertino Freitas

Como eu odeio essa selva inóspita, chuvosa e infestada de bichos peçonhentos, Catarina. Ainda ontem fui picado por uma aranha e minha perna amanheceu inchada, vermelha e com pus na altura da canela direita. Aqui nesse território selvagem, região de alagados e florestas úmidas, onde não se sabe direito o que ainda é Brasil e o que já foi tomado pelos paraguaios, diariamente morrem mais soldados de febre e de veneno do que de ferimentos em combate. Hoje, porém, é um dia diferente: muitos dos nossos estão perecendo aos tiros de metralha.

Embarcado em uma fragata às margens do arroio Riachuelo, vejo nuvens a carregar e a bloquear o sol. Vai cair uma tempestade daqui a pouco e eu estou tremendo de frio. Aqui, rio acima e adiante, a vida pode encontrar a morte a qualquer momento. As tropas paraguaias estão do outro lado e trocam fogo conosco desde cedo. Os barcos da nossa frota avariaram dois navios deles. Uma de nossas fragatas afundou, perdemos muitos soldados. Não sei se estamos em vantagem.

O sargento confirmou que vamos guerrear até a vitória, com chuva de granizo e na escuridão, se preciso for. À medida que o dia passa, vai aumentando minha dor, meu medo e meu cansaço. O sargento diz que eu sou um indolente, que ando me arrastando pelo convés do navio e atrapalhando a missão. Ora, minha perna lateja muito. Estou febril, com uma tremedeira interna; será que estou com malária, ou isso é uma reação à peçonha da aranha? Quero parar e descansar, dormir só por dez minutos. Estou exausto, confuso e com vontade de chorar.

Meu amor, algumas batalhas foram perdidas, outras foram ganhas. Quantas mais ainda vamos ter que lutar para que o inferno acabe nesse Chaco? O sargento diz que o fim está próximo, que está tudo sob controle. Mas eu sinto que a guerra está apenas começando. Para não enlouquecer, penso em ti, Catarina, e tua lembrança branda me favorece e me acalma um pouco.

Imagino que beijo tua boca e parece que acontece um encantamento: já sofro um pouco menos agora. E nosso filho, será que já pariste? Será que tu ainda me amas? Eu sei que não demonstrei carinho o bastante, não sorri para ti como deveria. Tenho um jeito carrancudo, preciso ser mais gentil. Prometo que serei um cavalheiro quando eu voltar.

Estou aqui pensando na tua última carta, com teu aroma. Está lá embaixo, bem guardada, junto com as outras. Lembro do teu perfume para esquecer desse cheiro nauseante de pólvora. Nunca mais recebi uma carta tua. Eu mando poucas porque não sei escrever e tenho que pedir a alguém para redigir por mim. Esses dias temos tido tão pouco tempo. Estamos sempre ocupados, nos movendo. Assim que terminar essa batalha eu vou te mandar uma longa carta, eu juro.

Parece que já faz um século que te vi pela última vez. Catarina, bem sabes, és a minha eterna amada. Ah, como desejo

te encontrar. Mas não sei quando isso poderá ser possível. E eu tenho receio de que, se eu sobreviver ao pus e aos canhões, e ficar aqui por muito tempo, acabe virando um monstro horrendo e tu não me queiras mais.

Minha esposa querida, meus sentimentos se misturam todos e se digladiam as minhas emoções. Sinto medo, tristeza, raiva e desesperança, mas o que mais tenho é saudade. Acho que a saudade se agarrou à minha perna e é por isso que sinto tanta dor.

Sinto uma vontade crescendo dentro de mim agora: pular desse barco e desertar. Antes que ele seja atingido em cheio. Podem me acusar de covardia, de crime de lesa-pátria, de traição, mas pouco importa. Tudo o que eu mais quero agora é te ver, para que minha vida volte a ter algum sentido, para que eu tenha algum alívio. Se eu te abraçar, uma vez que seja, aí eu volto a querer bem ao meu país e posso até voltar para esse Chaco e lutar. Mas agora, só o que eu quero é deitar-me ao teu lado. Que se dane todo o resto, que se danem Brasil e Paraguai. Eu vou pular nesse rio. Eu vou lutar contra a correnteza, contra as piranhas, contra a dor intensa e vou te encontrar.

O Almirante Barroso está em nossa fragata. Só ele tem o poder de decidir a hora de batermos em retirada. Estão dizendo ele se acovardou, pois desapareceu do passadiço desde cedo e se isolou em sua câmara. Quem assumiu a situação e tomou todas as iniciativas foi Bernardino, o prático. Foi ele quem orientou as manobras de abalroamento contra as naus paraguaias. O Almirante foi procurado para que desse alguma instrução, mas ficou mudo. Ficamos à mercê da perícia de Bernardino.

Se até o Almirante se acovardou, por que não posso eu abandonar tudo? Ou será que o veneno da aranha subiu para minha cabeça e minha mente já está em completo desvario querendo justificar minha covardia com um boato torpe que surgiu sobre nosso comandante?

Será que vou morrer por causa desse pus? O tenente Justino tinha uma enorme ferida na perna, parecida com a minha. E ele morreu. Era ele quem escrevia cartas para todos os soldados e marujos. Uma vez por semana, sempre às noites, quando estávamos ancorados, ele trazia caneta, tinta, papel e um castiçal de prata desses de palmatória que pertence ao Almirante Barroso e se dispunha a ouvir nossas narrativas com paciência.

Semana passada fizemos um exercício de sobrevivência na selva, pela beira do rio Paraguai. O tenente Justino foi picado por um bicho, não se sabe qual, e disse que não queria mais caminhar. Eu implorei para ele não parar, disse que prosseguir era sua única saída, que a alternativa que lhe restava era lutar contra uma morte besta no meio da mata. Até usei o discurso do sargento, disse que a gente não ia perder essa guerra, que estava tudo sob controle e ele não podia estancar. Mas ele preferiu interromper sua jornada. Jogamos seu corpo no rio. Ontem eu fui à câmara do Almirante entregar-lhe uma encomenda e vi o castiçal de prata em cima do criado-mudo. Lembrei-me do tenente Justino e de sua disponibilidade para ajudar a tropa a se comunicar com os entes queridos. Que Deus se lembre e se apiede de sua alma. Que Deus cuide da alma de todos os que morreram nesse inferno.

Será que tiveste uma boa hora, Catarina? Será que meu filho nasceu? Será que tens leite suficiente para a criança? Como eu queria voltar a ser criança e mamar no teu peito e não ter que lutar nessa guerra. Queria reviver meu tempo feliz de infância, com minha mãe, meus irmãos, e até com meu pai, que nunca me deu valor. Queria ouvir o sermão infindável do padre Antônio. Queria minha vida de volta, do jeito que era. Estou com tanta saudade de casa, tenho saudade de tudo.

Meu Deus, que vontade de comer uma galinha cozida preparada pela cabocla Joana. Ela terá lembrança de mim? Está tão

velhinha, fraca e cansada. Não sou velho, mas estou fraco e cansado como ela, me arrastando nesse convés, carregando munição para os canhões. Queria mesmo era ser carregado e ser colocado por minha mãe ou por ti, Catarina, no colo e na cama. Queria matar minha fome de ti e parar de ver morte nessa batalha que não é minha, e parar de perseguir esses objetivos traçados que não são meus, e parar de sentir o pus latejando podre sob minha pele, e parar de sentir dor e de ouvir os estrondos desses canhões e de sentir frio e saudade e de ver tudo girar e…

Meu anjo, que sono pleno de paz é esse teu! Desejo partilhar algo contigo, mas não tenho coragem de te acordar. Tu vives a me perguntar o que houve com minha perna e eu me saio com evasivas. Hoje eu queria finalmente te falar tudo, da maneira mais simples possível, mas tu deves estar passeando feliz em um lugar com cachorros e pássaros e bonecas de pano e quindins; não tenho o direito de interromper um sonho bom.

Quando acordares eu te conto que fui mandado para a fronteira, para lutar contra Solano López, ditador de um país chamado Paraguai, homem perverso que queria tomar territórios do Império Brasileiro. Era uma região de natureza exuberante que eu não soube apreciar, pois andava o tempo todo carrancudo e saudoso. Lá habitavam muitos animais ferozes – onças pintadas, jaguatiricas, lobos-guarás – e cobras e aranhas peçonhentas. Por um descuido, eu fui picado por uma aranha de veneno forte, mas não pude cuidar da perna purulenta porque tive que lutar em uma grande batalha.

Minha função era carregar balas para os canhões do nosso navio, o Amazonas. Eu penei para executar as minhas funções

porque estava com a perna doendo e me sentindo fraco. Acabei desmaiando. Acordei atordoado por volta de cinco e meia da tarde com os gritos eufóricos dos meus companheiros. Tu não imaginas como fiquei surpreso quando me disseram que havíamos vencido a batalha. A esquadra dos paraguaios tinha sido praticamente aniquilada e eles não iriam mais ter como navegar por aquelas águas.

Finda a batalha, os médicos trataram de mim e dos outros feridos. Mas minha perna não sarou, ficou pior, com mais pus, e teve que ser cortada. Estive bem perto de encontrar a morte em consequência da amputação, mas Deus permitiu que, depois de meses de dor excruciante, eu pudesse voltar para casa e aliviar minha saudade. Quase morro de novo, dessa vez de dor na alma, quando soube o que aconteceu com tua mãe. Aos prantos, eu te vi olhando para mim, toda inocente, nos braços senis de Joana, e teu sorriso me curou.

A guerra contra o Paraguai perdurou por alguns anos depois dessa batalha, que começou e terminou no dia em que tu vieste ao mundo e em que tua mãe dele partiu. Em sua sanha de poder, López não se entregou, resistiu o quanto pôde, recrutando até velhos e crianças para lutar em seu exército ensandecido.

Hoje eu fiquei sabendo que ele foi morto no meio da mata. Não morreu por picada de bicho peçonhento, foi por lança e arma de fogo, como convém a um soldado. Essa morte põe fim a uma guerra sanguinária e isso me deixou empolgado e com vontade de te contar como perdi minha perna direita.

Pensando bem, acho que ouvir uma história dessas não é muito conveniente para uma criança, afinal não completaste nem cinco anos de idade. Um dia eu te conto tudo, Catarina. Por hora, fico aqui só te velando.

Morro alto de dar dó

Clarisse Ilgenfritz

Naquelas brenhas do Maranhão, nos pés do Morro das Tabocas, não havia espaço para palavras. Menos ainda naquele dia do ano da graça de 1838, quando Afonso se viu ainda mais só do que sempre houvera sido. Viveu ali toda sua vida sozinho com o pai, homem de ralos dizeres, que já tinha quase sessenta anos quando ele nasceu. A mãe, moça nova e cheia de vida, sumiu no mundo no dia seguinte ao parto. Diz-se que fugiu com um caboclo que guerreava pelo exército dos independentes, os balaios. E foi desse jeito: uma lapada. Foi quando o pai de Afonso, que já quase não falava, resolveu parar de falar de vez.

O falecido pai de Afonso, ventre absurdamente intumescido, calado como de costume. A cama tosca de palha mal consegue sustentar o grande volume, bem dizer um morro, um monte de carne morta. O sol entra timidamente pelas frestas do pau a pique, trêmulo como um grande candeeiro. O rapaz, que ainda é um menino confuso, tropeça nas palavras.

— Morro alto de meu pai.

O menino confuso, que já é um rapaz, sente a já imensa solidão crescer ainda mais em seu peito. Ele mal consegue falar, morre de medo e de susto. Está certo que seu pai nunca foi de muita conversa, mas daquele jeito? Virgem Maria. Afasta-se da cama e evita olhar o pai, obscenamente morto.

Ziza e Delmiro, padrinhos de Afonso, de tempos em tempos vinham ver como andavam, pai e filho, naquela lonjura. Preocupavam-se com a idade do amigo, e sua teima em manter-se em local tão ermo, próximo apenas de perigos. Naquele dia chegaram.

— Ô, meu Deus — diz Ziza olhando ao redor, pesarosa. — A gente fica um pouco sem aparecer e olha a tristeza que já toma de conta.

— Cadê o compadre? Viste o compadre por aí, Ziza?

— Nem compadre, nem menino. Viste o menino?

— Nem.

Ao redor, só o abandono. As moscas fazem seu balé, caprichando nas panelas sujas pousadas sobre o fogão de lenha. Ziza anda pela casa, procurando por algos e alguéns.

— Abre uma janela, Delmiro, carece de entrar um pouco de luz. E de ar, também. Que lugar mais fechado e bolorento, ô, meu Deus.

Delmiro abre a janela e ilumina o ambiente. É quando consegue divisar a figura de Afonso, acocorado em um canto; um menino encantado. Ziza se achega e afaga a cabeça dele. O gesto familiar não esconde a intuição de que algo naquele dia estava fora de lugar. Ela apoia os braços no batente da janela e fala olhando para fora, para o nada.

— E cadê seu pai, meu anjo? Ainda na lida uma hora dessa? Eita que a gente saiu de casa depois do almoço e já é bem dizer noite! Será que o sol está cansado, como eu? Vem ver, Delmiro, espia só este tanto de urubu. Cruz credo!

— Morro alto de urubu. Alto de sol cansado — responde Afonso, com seu jeito de usar emprestada a palavra alheia para embasar seu entendimento e assim construir sua fala.

O céu de lugares assim, esquecidos, não é habitado por anjos. Tampouco os mortos seguem para lá e ficam na indolência do embalar dos ventos. E nem há formas em suas nuvens escassas. É um céu pesado, feito em grosseira tecelagem, onde o sol crava seu calor em cada pedacinho de azul pespontado de pássaros famintos. Em lugares de céu assim os urubus tomam de conta, os mortos sem ilusões seguem direto para abaixo dos sete palmos e os anjos vivem sobre a terra, distraídos entre os homens, esquecidos em seus devaneios infantis. Delmiro se aproxima da janela e por sobre o ombro da esposa olha para o lado de fora, olha também para o céu.

— É muito urubu mesmo. Também pudera, a catinga tá demais. Deve de ter morrido algum preá, e deve de estar apodrecendo mesmo aqui, dentro da casa.

Na procura do bicho, Delmiro encontra um corpo inerte, o ventre inchado de forma grotesca, e reconhece no rosto macilento do defunto os traços de seu compadre.

— Eita. Corre aqui, mulher.

Ziza se aproxima. Ela conhecia muitas doenças e mazelas do sertão. Sabia de cada um dos tremores, conhecia todas as febres, todos os suores, calores, calafrios e convulsões, já havia visto manchas pretas e arroxeadas e amarelecidas aparecerem e desaparecerem, nem sempre tão fácil, nem sempre tão rápido. Já viu gente morrer de parir, de caçar, de sol demais, de água de menos, de comida errada, de não ter comida. Já viu papeira de todo modelo, já deu assistência a quem sofria de coceira e de vertigem, de tontura, de sujeira, de bulir em coisa estragada. Já viu muito bucho inchado, muita barriga d'água. Mas aquilo?

— Ô, meu Deus, que horror!

— Morro alto de horror — diz Afonso.

— Pelo ver da situação o pobre do compadre penou foi muito antes de se ir. Ave Maria. Não que eu conheça essa mazela, porque assim desse tanto de inchado eu nunca que havia visto. Mas é pela cara dele. Os olhos revirados, a boca torcida, coitado. Acho que ele pagou foi muito pecado. O que tu achas, Delmiro? Delmiro?

Delmiro anda para lá e para cá, sem saber o que fazer. Procura coisas pela casa; pega uma enxada, uma pá. Anda às voltas procurando coragem para cavar tamanha cova. Das bem fundas, seria.

— Pai subiu o morro. Morro alto do urubu. — Afonso fala olhando para o nada.

O cheiro começa a chamar movimento. Delmiro toma nas mãos a enxada e a pá e sai, decidido. Demora um bom tempo. Aliás, demora um tempo grande, não bom. Em nada era bom. Em tudo, era grande. Leva um grande tempo até que ele volta, encharcado de suor, o ar de quem cumpriu pesada tarefa. Ou metade dela.

Com a ajuda da mulher e sob o olhar de Afonso, que é rapaz forte mas não se move, Delmiro carrega e enterra o defunto na cova funda; enterro trabalhoso, trabalho seco, vermelho e arenoso, onde a única umidade possível era o suor. Trabalho feito, marido e mulher, lado a lado, pensam no que fazer com o afilhado que ali restou.

— Fechar esta tapera, levar com a gente. É o jeito.

Delmiro, ajeitando as coisas do falecido compadre, encontra um bilhete. Desdobra o papel e lê devagar, cada sílaba um desafio superado.

— Uma outra famí-lia pa-ra A-fon-so... Cari-da-de bus-car fa-mí-lia pra per-to de-le. E tem um paradeiro, aqui, parece... Acho que é só umas légua mais que lá em casa. Eita que o cumpadre tinha essa outra família, mas quem diria.

— Estranho seria se não tivesse, era solidão muita, aqui, só ele e o filho.

— Pois amanhã cedo mesmo eu saio, para trazer esse povo para perto de Afonso. Você fica aqui com ele. — Delmiro olha ao redor e prossegue — Ave Maria, se é pra trazer pra cá é porque eles também são tudo miserável de dar dó.

Afonso em seu transe parece estar menos infeliz e preocupado do que qualquer um deles. Alheio, olhando os grãos de pó que brilham e voam e procuram um tempo e um lugar para assentar, fala em ritmo de cantiga:

— Morro alto de Afonso. Miserável de dar dó.

E se passou foi tempo. Passaram os dias que tinham que passar desde que o padrinho de Afonso saiu para buscar a nova família. Durante este tempo a madrinha cuidou do afilhado e do lugar, tudo aos poucos foi melhorando, ficando menos abandonado.

— Graças a Deus você parou com aquelas conversa de morro isso, morro aquilo. Eu não tava entendendo era nada, meu menino, já tava era entregando a alma a Deus.

— Entregando a alma a Deus. Morro alto na barriga... do meu pai.

Ziza consegue entender o medo, o embrulho, o não entendimento do afilhado.

— Ô, mas então era isso, meu anjo torto? Tava com a conversa encruada desse morro. Era de susto da barriga inchada do falecido cumpadre. Pobre alma.

Afonso muito sério se aproxima da tia, parecendo estar mais presente, falando algo que quer saber. Ziza se anima, mas logo percebe que o menino realmente não é deste mundo, é uma criatura que vive numa outra realidade. Sempre muito carinhosa, ouve-o com a máxima atenção possível.

— Minha tia me diga, a alma de meu pai... tava encruada, é? Na barriga?

— Ai, Afonso, você tem cada uma que não sei, não. Cada pensamento. Tem isso de alma encruada não, Ave Maria! Isso é tudo culpa do cumpadre, que não falava nada, não conversava mais você. O pobre.

— O pai gritou tanto. Era a alma dele saindo, né não, minha tia? O pai gritou foi muito quando subiu o morro. Morro alto de...

— Não, Afonso, chega. Chega desse morro, senão quem morre sou eu, lhe juro! Você já tava quase norm... Quase melhor!

— Quase melhor, lhe juro! — diz Afonso, carinhoso, preocupado.

O tempo parecia passar um pouco mais lento ainda, como se isso fosse possível, e parecia fazê-lo só de maldade. De perversidade, por diversão. Só porque estava perto das coisas acontecerem, estava perto de algo mudar, então as horas se pregavam no tempo onde nada acontece e tudo ficava assim, ainda mais lento, ainda mais sem sair do lugar. Afonso, mesmo já tão acostumado com o tempo que se estica e se multiplica, já um centenário idoso dentro dos seus poucos anos de vida, não se aguentava mais.

Quando finalmente Delmiro retorna chega sozinho na tapera.

— E cadê o povo? — pergunta Ziza. — Cadê a família do falecido?

— Tem só uma mocinha, a mãe morreu há pouco. Acabei tendo que trazer só ela mesmo. Ela saltou da carroça e veio caminhando um pedaço. Uma danada, Ziza, você vai é gostar do jeito dela.

Afonso está perto do padrinho e responde baixinho:

— Vai é gostar do jeito dela.

Nisso entra Maria de Lurdes, agitada, corada, suada. Entra num rodopio e rodando tira o chapéu de palha. Ziza mal pode crer.

— Mas que lindeza... E como se chama, essa menina?

— Maria de Lurdes. Lurdes, só. Lurdinha!

— Pronto. Viu, Afonso? Agora você tem uma irmã. Uma família, do jeito que seu pai queria.

Lurdinha se achega ao rapaz, que de tímido que era mais tímido ainda ficou, o coração ofuscado, quase paralisado com o tanto de beleza que a mocinha trouxe.

— Oi, Afonso. É Afonso, né? Você tem quantos anos?

Afonso fica parado, olhando, abismado.

— Perdeu a língua, é?

— Perdeu a língua. É.

Ziza percebe que o rapaz está entrando naquele estado de torpor tão conhecido e resolve interferir.

— Ele tem dezesseis, já. É que ele não tá acostumado a...

— Tudo bem — interrompe Lurdinha.

— Tudo bem, dezesseis, já — complementa Afonso.

Por um momento ficam todos em silêncio, constrangidos. Os vizinhos se preparam para sair, sem pressa. Lurdinha pega Afonso pela mão e puxa-o para sentar-se ao seu lado. Observando os sorrisos tímidos, Delmiro e Ziza se despedem, um pouco constrangidos, um pouco aliviados. Inseguros sobre estarem ou não fazendo a coisa certa, querendo acreditar que sim, e assim resolvem partir.

— Podem ir em paz, eu cuido de Afonso — diz Lurdinha. — E ele de mim.

Encantada com a casa e o terreiro, por mais que fosse só uma pobre tapera, Lurdinha planta, colhe, limpa, faz a comida, arrasta os móveis, lava os panos, tira a poeira e ainda encontra tempo para querer companhia na busca de alguma travessura. Afonso

está sempre por perto, olhando, admirando sua energia. Ela, de um lado para outro, arrastando móveis, varrendo, tagarelando; ele, sorrindo, sem jeito:

— Lá na cidade eu trabalhei numa casa de família. Gente metida, não sabe? Mas tinha cada coisa bonita lá que só você vendo, Afonso. Cada coisa! Você acha que tinha tamborete tipo este aqui acolá? Não, senhor! Lá era tudo só coisa fina, uns móveis que vieram da capital do império! Cada cadeira que só vendo. Dava era dó de sentar.

Lurdinha aproxima o tamborete da tosca mesa, alisa os móveis como se fossem do mais puro jacarandá e segue seus devaneios:

— Tinha uma cadeira tão linda, mas tão linda, toda desenhada, assim, perto de uma mesinha, dessas mesinhas de escrever, com gavetinhas enfeitadas, não sabe? Era uma coisa tão bonita que me dava até vontade de aprender as letras. Mas tem jeito isso não, né?

Afonso balançava a cabeça que sim, balançava a cabeça que não, sem entender direito o que tanto Lurdinha falava. E ela seguia:

— As pessoas lá da casa são dessas pessoas que se acham mais do que os outros; eu achava que eles davam mais cabimento pros móveis de pau do que pras gentes de carne. Imagina? Eu não gostava de lá não. Prefiro mil vezes estar aqui mais você!

E Lurdinha de repente se cansava de trabalhar, mas guardava energia para provocar Afonso para brincadeiras. Os dois corriam como crianças. Afonso ria como nunca.

— Você diz que eu sou bonita, não diz, Afonso?

— Lurdinha bonita.

— Que bonitinho! Você gosta de Lurdinha, não gosta, Afonso?

— Gosta de Lurdinha. Gosta.

— Vem cá, Afonso, vem!

Lurdinha puxa Afonso para si. No encontro dos corpos tão

jovens, os cheiros se fazem irresistíveis. A carência, os encaixes, os braços que abraçam e as bocas que descobrem, ambos felizes, risonhos e suados, os dedos que se enrolam nos cabelos enrolados, as mãos que deslizam até chegar a algum porto seguro, o enlace tão e cada vez mais necessário.

E o tempo segue passando, porque parece que é só o que sabe fazer, o condenado. E de tanto que passa, de repente o que vemos é Afonso, deitado, sem camisa. Lurdinha chega da rua, vem da casinha, vem mareada, caminha como se estivesse na proa de um navio, segurando onde consegue, passos como de idosa ou de bebê, quem sabe? Só o que se sabe é que ela está grávida.

— Chega aqui, Afonso, vem aqui ver a barriga. Olha o tamanho.

— Olha o tamanho — repete Afonso assustado.

— Inté parece uma montanha. Um morro.

— Diz isso não Lurdinha. Diz isso eu morro.

— Ai. Tô mal de novo. Afonso, você me fez mal, vou lá fora de novo!

Afonso fica olhando Lurdinha sair, cambaleante.

— Afonso fez mal à Lurdinha.

O tempo não obedece aos desmandos de quem quer que seja. E por não ter mais o que fazer na vida ele apenas passa, passa e passa de novo. E como passa. A Lurdinha já está enorme e anda de um lado para outro, cuidando da casa e exibindo os nove meses feitos. Afonso, cismado, acompanha Lurdinha de longe.

— E dói não, Lurdinha, dói não? — pergunta, temeroso.

— Já disse, Afonso, dói não. Só atrapaia.

— Sua alma tá encruada aí, tá, Lurdinha?

— Ai, Afonso, larga de ser sonso!

— E ela vai gritar pra sair, subir o morro... sua alma?

Ouvem-se palmas do lado de fora. Entra Ziza, com ar

esperançoso. Atrás vem Delmiro, trazendo alguns mantimentos. Lurdinha está sentada na cama, de forma que não aparece a barriga. Ziza vai direto a Afonso.

— Ô, meu bichinho! Saudade da madrinha, hein?

— Saudade, madrinha, hein.

Delmiro coloca sobre a mesa os mantimentos e se achega falante. Senta e conta coisas de vida e de morte, fala dos acontecimentos, comenta sobre a revolta, do parente distante que todos chamavam Balaio, pelo ofício que tinha, homem de valor que liderava vaqueiros, lavradores, sertanejos, índios, negros escravos e quilombolas, que lutava à frente de tantos homens, e que escapava das mortes mais certas que havia, nas lutas travadas, nas tentativas de tomar a capital. E que morreu depois, bestamente, por um tiro acidental, disparado ao acaso por homem da própria tropa.

— Pois é, chegou a hora, não tem jeito. Chegou a hora, morre e pronto — comentou Ziza, num muxoxo. Ao que Afonso repetia:

— Chegou a hora, morre e pronto.

Até que finalmente Lurdinha se volta e exibe a barriga de nove meses. Ziza perde o ar, tamanho o susto:

— Afonso... Você fez mal à menina, fez?

— Fez mal à menina. Afonso fez.

— Meu anjo torto... E o tamanho desse bucho, benza Deus!

Será mesmo se Deus abençoava? Se este lugar parecia sempre ter sido largado da mão divina, se na poeira do tempo este não houvera sido sempre assim, lugar esquecido de Deus?

— E as dor, menina, sentiu chegar alguma dor? — pergunta Ziza.

Afonso ouve isso e se afasta gritando:

— As dor não, madrinha... as dor não!

— Inda dói nadinha, mas mexe tanto... — responde Lurdinha, malemolente e sedutora, como era sempre seu jeito.

Afonso geme:

— Deixa não, madrinha... a alma dela vai fugir das dor!

— Ô meu Deus, esse menino... — diz Ziza. — Delmiro, fale com ele, fale. Acalme o coração desse passarinho. Tá danado. Começou de novo com essa toada.

Afonso acocorado balança-se ritmadamente, repete palavras soltas, os olhos buscando algo. A ladainha repete:

— Morro alto de Lurdinha. Morro de alma encruada. Vem de novo essa toada.

Lurdinha, deitada, dá um gemido. Todos se voltam para ela.

— Ai, é as dor! Ai!

— Valha-me nossa senhora! — fala a madrinha. — Chegou a hora dela!

— Chegou a hora dela! — repete Afonso, assustado.

— Ai, Afonso, que dor! Eu não quero morrer!

— Morro alto de dor! Chegou a hora... não tem jeito!

Ziza começa a tomar as providências possíveis. Fecha umas portas, abre outras. Espanta moscas, sacode cortinas, alisa a cabeça suada da menina, desdobra lençóis. Afonso não se mexe. Voltou para aquele seu local paralisado no tempo, naquele espaço só seu e fica ali, repetindo:

— Morro alto de dar medo. Morro maior que meu pai.

Ziza percebe que a depender de Afonso não terá água quente para amparar o menino de forma decente. Vai atrás de Delmiro, onde andava Delmiro? Vai ferver água e tratar de queimar o fio de uma faca boa, para cortar o fio do menino. Pano limpo já tem, saúde a moça tem, haveria de tudo dar certo. Ziza sai e deixa Afonso sozinho com Lurdinha.

— Ai, vai sair! Ai, como dói! — gemia Lurdinha.

— A alma de Lurdinha vai sair! — gemia Afonso.

— Ai, Afonso, que eu morro! — gritava Lurdinha.

— Morro alto de dar dó! — gritava Afonso.

Afonso sem saber o que fazer tenta amparar do jeito que pode a sua querida Lurdinha, que se contorce de dor, a boca muito aberta, respirando de forma sôfrega, aspirando muito fortemente o ar para em seguida soltá-lo em baforadas, aos borbotões.

— Eu acho... acho que tá saindo, ai, Afonso, aaai!

— Afonso ajuda... não deixa essa alma sair! — diz o próprio Afonso enquanto cobre o rosto de Lurdinha, abafando os gritos, abafando tudo o que possa ser abafado, impedindo desesperado que a alma de Lurdinha saia por sua boca, pelo seu nariz, pelo seu alento, como fez a alma do pai.

Então nem foi mais preciso o agir do tempo, pois naquele rápido instante tudo o que restou ali foi o silêncio.

Do fogão e das cinzas

Clarisse Ilgenfritz

Fui contratada para preparar o jantar de casamento de uma jovem dama chamada Ana Carolina com o senhor Ledo, um homem mais velho e cheio de importâncias, um deputado provincial, parece-me que envolvido com maçonaria. A boda seria na casa do marido, residência do futuro casal. Cheguei com bastante antecedência, mal o dia começava. É sempre assim que procedo.

Estou no Rio de Janeiro por ordem de uma série de circunstâncias que aqui souberam me trazer. Sou natural de Koln, na Alemanha, e cá cheguei ao Brasil em 1825, nas vésperas de completar meus quarenta anos. Sempre fui, e quero crer que ainda sou, pessoa de alguma coragem e ousadia.

Meu talento está todo na cozinha. Cozinho desde que me entendo por gente, minha vida é estar entre as panelas. Meu *apfelstrudel*, que faço seguindo a receita mais tradicional austríaca, já era conhecido em algumas cidades europeias antes mesmo de eu aqui aportar. Ocorre que a absurda recessão em que se afundou meu país fez com que os três últimos restaurantes onde eu

trabalhei fechassem, levados à bancarrota, e a falta de paciência juntou-se à minha sede de mundo e então resolvi arriscar-me, migrando para cá. Confesso que dei sorte.

Digo sem falsa modéstia que em pouco tempo de trabalho – pouco, porém intenso – meus pratos, pães e folhados ficaram famosos no sul do Brasil, onde cheguei e fiquei algum tempo. E já estão bem conhecidos aqui no Rio de Janeiro, para onde me mudei e onde eu estou muito bem instalada há mais de cinco anos. Vim porque meus dons culinários precisam de pessoas com dinheiro e boas maneiras para compreendê-los e admirá-los, pessoas com um mínimo de cultura, com o mínimo de sofisticação no paladar. Estando no Brasil, nenhum lugar melhor do que a capital imperial.

Percebi desde muito cedo a enorme importância de apreender das informações todas o que mais eu possa. Sempre muito curiosa, assim que cheguei ao Brasil comecei a absorver tudo o que via. Atenta, estudei e aprofundei pesquisas sobre os costumes, os paladares, as verduras, as carnes, os temperos, as defumações, os gostos, as ervas, as suculentas frutas, as caçarolas, os tempos de cozimento, as misturas especificamente brasileiras, o que ficou dos índios que aqui estavam, o que veio com os portugueses que aqui chegaram, o que tomaram dos negros que pra cá trouxeram seus pratos ancestrais. Adquiri sotaque brasileiro, derramei-o por sobre e inseri-o como recheio em meus pratos mais tradicionalmente germânicos, adaptei a feitura dos embutidos, do joelho de porco, do patê de peito de ganso, das conservas e compotas, das batatas feitas de inúmeras formas. O resultado é que tudo o que eu fazia virava sucesso.

Devo dizer que sou requisitada, contratada para festas de alta estirpe. Os novos ricos e remediados brasileiros talvez me imaginem francesa. Vejo que há uma paixão enorme de todos por tudo o que se relacione à França, trata-se de uma verdadeira

mania. Mas devo reconhecer que eles não se amofinam quando lhes revelo a naturalidade, a maioria até faz ares de reconhecimento. E depois, satisfeitos com meu estilo e tempero, depois de se exibirem diante dos seus na sociedade, me indicam com imponência, como se um artigo da moda francesa eu fosse. São momentos que me fazem dar risada.

Soube que o casamento desta jovem burguesa Ana Carolina vai reunir pessoas importantes aqui da capital do império. Fiz questão de conhecer bem de perto o espaço onde se dará o jantar. Sempre gostei sobremaneira disso, de perceber o todo do que seria uma refeição, com antecipação, e ir um pouco além do mero cozinhar.

Apreciando a sala de jantar percebi que a mobília – que já era ou que viria a ser de dona Ana Carolina – era sólida e de muito bom gosto, e que a mesa de jantar era das elásticas, com três tábuas de mogno extras para que pudesse reunir até mais do que dezesseis cadeiras em torno. Consegui visualizar os convivas ao redor da mesa e, mesmo lembrando da falta de maneiras da maioria dos brasileiros, a insistência de alguns em comer usando apenas as mãos e ignorando solenemente os talheres, ainda assim consegui imaginar os convidados ao redor da mesa e isso me trouxe um certo bem-estar. Respirei fundo, olhando ao redor. Gostei de ver que havia uma mesa-trinchante em ótimo estado, seria perfeita para cortar as carnes e aves saídas direto do forno. O guarda-louça tinha portas de vidro e exibia porcelanas finas e importadas, o que me pareceu ostentação provinciana de herança e valor.

Lembrei-me das entregas e fui à cozinha averiguar; de fato já estavam chegando nas costas de escravos as caixas dos ingredientes que encomendei para o jantar, não diria que fausto ou pomposo, mas que eu queria que fosse inesquecível. Estava ansiosa em experimentar pela primeira vez um cardápio com claras

influências lusitanas, em homenagem ao jovem príncipe regente, pois soube que havia uma remota possibilidade da presença dele.

Os pretos traziam os cestos que vinham nas mulas, os garajaus apinhados de codornas, os pernis, os perus e as galinhas, as carnes secas, as frutas frescas, o cheiro doce no ar das laranjas e dos abacaxis, os enormes pimentões. Aquele movimento todo me deixava enlevada, os aromas me faziam antecipar os molhos espessos que ainda faria, as fatias e mais fatias de ananás e melões, os tachos de doce de coco queimado que enfeitariam as compoteiras de cristal.

Antes de começar de fato a esquentar as panelas soube de um incidente que movia a todos, e movia especialmente o senhor da casa, que não deveria estar ali a um horário destes. Ouvi dizer, pelas negrinhas domésticas que iam e vinham fazendo preparativos, que o nobre deputado queimava documentos em seu escritório, e eis que a mistura de cheiro e fumaça causava tal alvoroço. O que seria tão importante e proibido que merecesse arder a umas horas destas, em plena véspera de um casamento? Não pude deixar de envolver-me, a curiosidade sempre me foi um fardo.

Quando entrei na biblioteca o senhor deputado segurava um pequeno castiçal de prata, destes de palmatória, que me chamou a atenção por lembrar-me de um companheiro de minhas tantas noites de leitura na infância, *mein kerzenhalter*, que também era de prata. A chama da vela tremeu e dobrou-se em si mesma quando eu abri a porta, e foi só por isso que o senhor levantou os olhos e fixou-os em mim, de forma grave. Em sua outra mão estava um documento, um papel cheio de rabiscos que ele parecia querer juntar às cinzas que jaziam numa bandeja sobre a poltrona. Um perigo, a chama ardendo tão próxima ao forro acetinado, cercada de estantes de madeira de lei e de livros por todos os lados.

O senhor, no entanto, assim que me viu, apagou a vela. Com

o olhar apontou-me a bandeja coberta de cinzas, a qual num impulso peguei para despejar. O documento em sua mão me pareceu importante, e gostei de ter evitado que se queimasse com minha chegada. Um papel amarelado pelo tempo, contendo anotações e rasuras tão nervosas quanto precisas, e que parecia agradecer-me por ter sido salvo das chamas. Na saída, desculpei-me pela intromissão em um balbucio — até hoje não lembro em que idioma — e devagar fui-me retirando, vasculhando o que podia com meu olhar estrangeiro. Ainda consegui ver, com toda clareza, que ele guardou o documento dobrado dentro de um volume grande, um livro de lombada larga, com uma capa ornada por iluminuras.

Corri para a cozinha. Muitíssimo trabalho me esperava.

Após deitar as cinzas da bandeja no fogão à lenha, arregacei as mangas e me foquei no trabalho. Decidi que iniciaria a refeição com entradas frias e leves, bem ao gosto alemão; resolvi expor toda minha *delikatessen*. Em seguida, viriam os pratos quentes, sem a ordem específica europeia, pois os comensais daqui não a percebem nem podem apreciar. Imagine, se gostam de ter sobre a mesa, absurdos como paliteiros de prata, moringas d'água e, já desde o início, os licores, os açucares e o café, ao lado de doces e conservas. Seguiria com as carnes trinchadas, cozidas a ponto de se desfiar, e as fatias de porco bem gordas e também as linguiças. Depois traria os peixes assados de forma singular, as aves à moda francesa, o arroz feito em azeite, e legumes frescos, salteados na manteiga, além das verduras as mais variadas.

Organizei uma enorme tábua com fiambres e mortadelas, ostras e camarões, o *roast-beef* mal passado em finas e rosadas fatias. Assei alguns pães de crostas escuras e quebradiças, separei alguns cremes e natas mais finamente batidas, salpiquei sal e pimenta em tudo o que via. Os queijos, assim como o cará, adicionei-os próximos ao melado. E para encerrar, logicamente, apresentei

meu famoso *strudel* de maçãs, com as folhas de massa tão finas que podia-se enxergar através delas.

Tudo foi servido a tempo e a contento, mais uma vez eu havia me superado.

Os rumores dos talheres de prata – da forma rústica e rara com que eram usados – sobre os pratos de porcelana, as repetidas batidas de taça, os brindes em voz alta, as conversas e as risadas, tudo isso foi música para meus ouvidos. Quando finda estava a refeição e os homens se levantavam para fumar seus charutos, e quando todos estavam já no porto e nos licores, ao ver pela fresta da porta no olhar da noiva um indiscutível esgar de satisfação, foi quando respirei, enfim, exausta e realizada.

O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho

Cupertino Freitas

Agoniado e suando frio diante da visão do cano de uma pistola apontada para minha testa, não terei tempo hábil de revelar ao mundo minhas suspeitas sobre quem está por trás da encomenda que me foi feita. Fui contratado para eliminar Joaquim, meu amigo de infância, e estive em sua propriedade com esse propósito. Recebi uma quantia razoável de réis para executar o serviço. Encontrei-o muito ocupado, debruçado sobre um texto. Mostrou-se surpreso com minha súbita aparição, mas foi gentil o suficiente para oferecer-me um refresco e perguntar-me sobre a família.

Inveja. Talvez o mais vil dos sete pecados capitais. Não há cura para esse mal senão a morte. Diante da iminência da minha, confesso: minha vida foi tomada por esse sentimento abominável desde sempre. Passei meus anos cobiçando as conquistas alheias. No topo da lista daqueles que invejei está Joaquim. Almejei ter sua inteligência, refinamento e notoriedade, e mais que tudo, ambicionei fazer parte, como ele, do círculo íntimo do meu ídolo, o Príncipe Regente. No entanto, morro em questão de segundos

como um ilustre desconhecido, um frustrado que nada fez de auspicioso, um preguiçoso que nada produziu de valor. E sem nunca ter apertado a mão de Dom Pedro.

Quando éramos adolescentes, Joaquim mudou-se para Portugal; foi cursar Direito em Coimbra. A mim, que nunca gostei de estudar, que preferi a companhia das escravas à dos livros, coube-me o despeito e a estiva como meio de vida. Despedi-me dele no cais, sorridente, mas desejoso que o navio naufragasse. Anos depois, devido à morte de seu pai, ele teve que retornar ao Brasil para cuidar dos negócios da família, já um cidadão respeitado, mas ainda solteiro. Eu já estava casado, cheio de responsabilidades que não suportava e de dívidas que não conseguia sanar.

Apesar de não ter concluído sua formação universitária, Joaquim atuava como advogado de fato, com relativo sucesso. Eu tentei me reaproximar, certo de que continuaria desfrutando de sua companhia, o que me seria conveniente, não só em face da minha absoluta falta de traquejo para estabelecer novos e vantajosos vínculos sociais, como pela possibilidade que se abria de ele me dar guarida em minhas querelas constantes com agiotas. Forcei um esbarrão na Praça Mauá. Ele foi cortês, como era de seu feitio, e disse que gostaria de reunir os colegas de infância para relembrarmos os velhos tempos. O encontro pretensamente fortuito não deu frutos; Joaquim nunca tomou a iniciativa de me procurar. Parecia interessado apenas na camaradagem de seus amigos maçons e na causa liberal.

Na sua atuação política, Joaquim acabou se tornando um dos líderes da conspiração que buscava, não só a nossa separação de Portugal, como também fazer do Brasil uma democracia. Liderou o movimento que reuniu assinaturas pedindo a permanência de Dom Pedro no Brasil, tornando-se mais próximo ainda do poder e angariando adversários. Eu, membro da arraia miúda, acompanhei

sua escalada de longe, ressentido por seu desprezo e pela fama que ganhou à frente do movimento emancipador do país. Por vezes desejei sua morte.

Sem produzir nada intelectualmente e com gosto limitado para a leitura, meu passatempo era a bebida. Costumava ir a uma taverna próxima à igreja da Candelária, duas ou três vezes por semana, frequentada principalmente por homens medíocres como eu. Às vezes, porém, janotas abastados e metidos a intelectuais lá apareciam para tomarem uns tragos antes de se dirigirem para os festivos cabarés da zona portuária. Entre goles de aguardente, ouvi dois deles entabularem uma conversa acalorada acerca da situação do país e sobre um artigo polêmico do Revérbero Constitucional Fluminense, jornal liberal editado pelo "tal Ledo", que é como um deles se referia a Joaquim. Já meio bêbado, intrometi-me na discussão e disse que tinha certa intimidade com o editor, e que o detestava com todas as minhas forças. Eu estava especialmente atolado em amargura naquela noite, tinha tomado conhecimento de que minha mãe preta estava muito doente. Era a única pessoa por quem eu nutria afeto sincero. Desprezava meu pai, minha mãe e minha esposa. Meus filhos, eu os tinha como contratempos.

Dias depois, fui abordado por um dos janotas, que me levou ao encontro de um gordo ruivo. Este disse trabalhar para um terceiro, alguém ilustre, e me perguntou sem rodeios o quanto eu queria para assassinar Joaquim Gonçalves Ledo. Fiz as contas: um tanto que daria para quitar todas as minhas dívidas mais um tanto que daria para garantir o sustento de minha família por um ano. Ele não regateou. Pagou o que pedi.

Na tarde do dia 30 de julho, dois dias depois do encontro sinistro, dirigi-me à residência de Joaquim sob pretexto de tratar de um assunto comezinho: pedir-lhe um fraque emprestado. Sim, lá fui eu, implorar que me cedesse uma roupa digna de

ser usada na cerimônia de casamento de um parente, alegando, com falsa humildade, que eu não tinha nada apropriado para a ocasião. Encontrei Joaquim em sua biblioteca, profundamente concentrado, escrevendo. Não podia me devotar muito tempo, ele disse, pois acordara um prazo muito exíguo para entregar um texto que estava ainda a rascunhar. Não podia descumprir o prometido; tratava-se de uma peça de extrema importância. Logo depois dos cumprimentos formais e da oferta de um refresco, ele se dirigiu aos seus aposentos à procura de algo que pudesse servir em meu corpo magro. Permaneci na biblioteca arquitetando a melhor maneira de executar sua morte.

A suntuosa cadeira de jacarandá onde ele se sentava para escrever, com espaldar vazado, cheia de minuciosos detalhes, reforçava a distância que havia se estabelecido entre nós ao longo dos anos. Era um objeto que nem em meus maiores delírios megalomaníacos sonhei possuir. Era uma excelente candidata a ser a arma do crime. Entretanto, chamou-me a atenção em cima da escrivaninha um bem lustrado castiçal de prata do tipo palmatória, de uns nove centímetros de altura: cabia perfeitamente na minha mão. Poderia usá-lo para perfurar os olhos daquele que eu tanto odiava. Eu peguei na alça para sentir o peso. Diacho! Não era tão pesado, não causaria um estrago mortal. Mas eu iria roubá-lo, com certeza, depois de dar minha tarefa por encerrada. E iria acender a vela que estava presa na arandela, incendiaria a casa daquele com quem um dia pesquei traíras no rio Macacu, e fugiria feliz da vida com algo de valor. Um serviço completo!

Num lapso de sandice, cogitei usar a escrivaninha para cometer o ato vil. Era um bem fornido móvel de jacarandá que podia facilmente quebrar as costelas do meu inimigo. Até tentei ver se eu conseguia erguê-la facilmente do assoalho, mas era pesada demais... E se eu arrancasse um dos puxadores de bronze das

gavetas e enfiasse com bastante força no peito de Joaquim? Seria uma dor lancinante. Uma maravilha! No entanto, nenhum dos puxadores estava frouxo, todos eram muito bem pregados e ajustados, eu levaria tempo demais para sacar um deles do móvel... A cadeira! Era a cadeira mesmo a arma perfeita para o crime, estava resolvida a questão. Uma pancada bruta com o assento na testa de Joaquim e ele tombaria desacordado. Eu então daria golpes repetidos, até afundar seu crânio, garantindo o sucesso da empreitada.

A voz grave de Joaquim soou no corredor. Dava alguma ordem à sua criada. Lembrei-me de relance de Rosa, a mucama angolana que dividimos nos seus aposentos, quando tínhamos treze anos de idade. Linda, dengosa, rindo das nossas estripulias correndo nus pelo quarto atrás dela. De repente, senti um arrepio, minha garganta secou e eu fiquei zonzo. Tive um momento de ternura e arrependimento. Estava nervoso, precisava urgentemente me acalmar senão iria estragar tudo. Sentei-me na cadeira. Fechei os olhos por um instante e abri em seguida, para, com a vista um pouco turva, espiar, em cima da escrivaninha, o rascunho que Joaquim estava redigindo. No topo, vi as palavras "Aos Povos deste Reino" e logo abaixo a frase "Está acabado o tempo de enganar os homens". Ler aquilo era irônico; pois eu estava ali, cínico, num jogo de simulacros.

Passei a vista rapidamente pelo papel. Era um rascunho com comentários sobre os abusos cometidos por Portugal, indicações de parágrafos a serem escritos e trechos irretocáveis, como: "Eu seria responsável por todos esses males, pelo sangue que iria derramar-se, e pelas vítimas que infalivelmente seriam sacrificadas às paixões e aos interesses particulares". Parecia algo direcionado a mim, e a mim somente, responsável que seria por uma maldade sem sentido e sem perdão. Um outro trecho conclamava à união

de todos os brasileiros: "Não ouça entre vós, outro grito que não seja união". Uma bela frase, sem dúvida, engendrada em um contexto nobre, mas eu já ouvia era o grito de Joaquim com a pancada na testa e já via em minha frente o fraque que iria me emprestar todo manchado de sangue.

Quase no final da lauda, outra frase me tocou como um soco no estômago: "Expeli do vosso seio esses monstros". Quantos monstros eu carregava dentro de mim, cheios de ódio, de rancor e de sentimentos ruins a me devorar as entranhas? Quantos eu pari ao usar minha língua ferina em comentários maldosos, em pragas rogadas no silêncio e na escuridão, e em desejos mórbidos que emanaram pelos meus poros ao longo dos meus quarenta anos mal vividos?

No fim do documento lia-se "Palácio do Rio de Janeiro em primeiro de agosto de 1822" – era uma data futura! Joaquim estava rascunhando um manifesto a ser expedido por Dom Pedro em dois dias, um documento declarando o Brasil independente de Portugal!

Não, eu não podia levar meu plano adiante. Matar Joaquim em meio a uma tarefa que lhe fora confiada pelo Príncipe Regente? E se Dom Pedro descobrisse que eu era o culpado pelo serviço interrompido? Eu seria considerado persona non grata e privado de sua companhia para sempre! Não podia lhe causar tamanho aborrecimento. Não queria! Fiquei zonzo de novo. O ar começou a ficar rarefeito e a me faltar. Eu precisava sair dali. Precisava de ar puro.

Saí correndo da casa de Joaquim, completamente desnorteado. Fugi num galope sem rumo até que, já cansado e faminto, decidi ir ter com minha mãe preta, que liberada das lides domésticas, estava numa cama de palha nos fundos da senzala da fazenda de meus

pais esperando a morte. Fiquei lá, aconchegado, chorando, me esgoelando sem ter o menor controle de mim, até seu passamento.

Ela se foi, mas eu decidi ficar no meio dos escravos. Eu sabia que se voltasse para casa teria que prestar contas a quem me pagou para matar Joaquim. Mas não era só esse o motivo de eu permanecer ali. Mais que um refúgio, a senzala foi para mim um lugar de expiação. Os negros não mereciam viver em lugar tão lúgubre. Eu, sim. Eu era digno da senzala. Fiquei lá, incógnito, por mais de um mês, e poderia ter passado anos a fio não fosse a perspicácia do capitão-do-mato, que notou uma mudança de comportamento dos escravos, em sua tentativa de me acobertar. Ele descobriu meu esconderijo e me entregou a meu pai, que mandou chamar minha esposa. Voltei para casa a contragosto, em meio às manifestações de júbilo que ainda ecoavam pelos quatro cantos do Rio de Janeiro. Dom Pedro havia enfrentado Portugal e rompido os vínculos com seu país natal em sete de setembro.

Agora, é chegada a hora de enfrentar meu destino. Daqui de onde estou, dá para se ver a torre da Candelária. Eu quase faço menção de pedir a Nossa Senhora que interceda pela misericórdia divina. Talvez eu deva mesmo pedir perdão a Deus por ter gasto meu tempo nesse mundo sendo essencialmente um homem ruim. Mas não há tempo para preces. Não há tempo para perdões.

O gordo ruivo aponta a pistola para mim. Sarcasticamente, ele me diz que daqui a poucos dias Dom Pedro vai ser aclamado Imperador, mas eu não vou participar da festa. E diz que eu deixei um homem poderoso bastante desapontado com minha covardia. Eu acho que sei de quem se trata. Mas minha suspeita agora de nada importa. Por fim, ele diz que eu devo estar muito arrependido por não ter cumprido com minha obrigação. Não. Eu não me arrependo de não ter executado Joaquim. Acho que foi o único ato de decência que cometi em toda a minha vida. É

a minha contribuição para o país que nasce. Ao meu modo, eu também sou um herói da Independência.

Sobre os autores

- Ana May Vieira Santos Brasil

Com formação em Física e Direito, trabalhou em ambas as áreas. Como escritora publicou a novela Madrinha (e-book Kindle, 2018) e a coletânea de contos Mamilos Apontando para baixo (Folheando, 2023). Participou de várias coletâneas de contos, dentre eles Farol, Mirabília, Quase Nome, Limiar, Ceará de milho e mandioca, O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho (livro premiado na 1ª Edição do Prêmio Literário 200 Anos de Independência do MEC em 2018) e Tanta coisa a gente inventa (Folheando, 2024).

- Angela Teresa Nogueira de Vasconcelos

Escritora, membro do Coletivo Delirantes, psicanalista, mestre em Psicologia (Unifor), doutoranda em Psicologia (UFC). Suas obras estão presentes nas coletâneas: Farol; Limiar; Os modernismos de Gonçalina; O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho (obra premiada na 1ª Edição do Prêmio Literário 200 Anos de Independência/ 2018) e na coletânea Tanta coisa a gente inventa (2024). O livro Encontro com palavras, de sua autoria, foi selecionado e publicado na Coleção Mais PAIC Mais Literatura - SEDUC-Ce (2018).

- Clarisse Pereira da Cunha Ilgenfritz

Da engenharia química passou direto para a publicidade, trabalhando como redatora e diretora de criação em agências de propaganda por quase 30 anos. Em 2012 lançou pela editora Armazém da Cultura o livro infantil "O Boi da Cara de Todas as Cores", adotado em várias escolas cearenses. Suas peças "Cromo Somos" e "Retalho, Rebotalho" foram encenadas em Porto Alegre, Belo Hori-

zonte, Fortaleza e Brasília. Tem contos e poemas publicados em diversas revistas e coletâneas. Participa do coletivo Peripécias, de dramaturgos, e do coletivo Delirantes, de escritores. É coautora de "O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho", livro premiado na 1ª Edição do Prêmio literário 200 Anos de Independência, pelo MinC (2018). Em 2023 lançou pela editora Folheando o livro "Contagotas", de poemas. Em 2024 participou da coletânea de contos "Tanta coisa a gente inventa".

- Dauana Vale Cavalcante

Escritora, psicóloga e mestre em Psicologia. Integra o Delirantes - coletivo de escritores. Possui contos em diversas coletâneas e é autora de *o silêncio de todo dia* (2025). Foi premiada pelo Mais Paic (2018) com o juvenil *Quinamuiú*. É coautora de *o castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho*, premiado pelo Ministério da Cultura (2018). Se dedica à atividades de leitura compartilhada, de onde surgiu seu atual trabalho de incentivo à leitura, o *Entrelinhas*, que em 2021 fez parte do mapeamento *O Brasil que lê*, pesquisa realizada pelo Itaú Cultural e PUC-RJ, com o objetivo de reunir iniciativas de incentivo à leitura relevantes em nosso país.

- José Cupertino de Freitas Júnior

Escritor e dramaturgo, analista de sistemas e gerente comercial na área de TI, é autor dos livros "Judas no paiol" (2018), "Cidade Santa" (2020), "A harmonia dos Álvares" (2021), "Roupa lavada" (2022), "Segredos que só eu sei" (2023/2024), dos infantojuvenis "Chuva de tamarindos" (2025) e "O furo na carapaça" (2025), além de textos publicados em diversas antologias, incluindo "O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho" (2018), obra do Coletivo Delirantes premiada na 1ª Edição do

Prêmio Literário 200 Anos de Independência do MinC. Foi agraciado em concursos literários no Brasil, Portugal e Espanha, dentre eles o "Prêmio Funarte de Dramaturgia" (2021). Integrou o corpo docente da Especialização em Escrita Literária do Centro Universitário Farias Brito e atua como parecerista em projetos de literatura.

- Marcelo Lettieri Siqueira

Escritor, doutor em Economia, professor universitário e servidor público, fundador e Diretor do Instituto Justiça Fiscal (www.ijf.org.br), Diretor do Sindifisco Nacional e membro do Coletivo Delirantes. Suas obras estão presentes nas coletâneas Farol, Limiar, Os modernismos de Gonçalina e O castiçal, a escrivaninha, a cadeira e o rascunho, obra premiada na 1ª Edição do Prêmio Literário 200 Anos de Independência (2018) e na coletânea Tanta coisa a gente inventa, com o conto "O muro".

- Stênio Gardel Maia

Nasceu em Limoeiro do Norte, estado do Ceará, e é especialista em Escrita Literária. "A palavra que resta" (Companhia das Letras, 2021) é seu primeiro romance. O livro foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2022 e do Prêmio Jabuti 2022. A obra foi publicada em inglês pela editora New Vessel Press com o título "The Words That Remain", em tradução de Bruna Dantas Lobato, e foi vencedora do National Book Awards 2023 na categoria Literatura Traduzida. O romance foi publicado também em italiano, holandês e espanhol, teve edição em Portugal e terá ainda tradução em eslovaco.

Esta obra foi composta em Fairfield LT.

ALECE
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora
2025-2026

Deputado Romeu Aldigueri
Presidente

Deputado Danniel Oliveira
1º Vice-Presidente

Deputada Larissa Gaspar
2ª Vice-Presidente

Deputado De Assis Diniz
1º Secretário

Deputado Jeová Mota
2º Secretário

Deputado Felipe Mota
3º Secretário

Deputado João Jaime
4º Secretário

EDIÇÕES INESP DIGITAL

Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações